

Ana Claudia Vicari Silva

**A representação da obra “Quarto de Despejo” nas bibliotecas  
estrangeiras: uma análise sobre a reprodução das relações  
de poder a partir da classificação e indexação**

Marília  
2025

Ana Claudia Vicari Silva

**A representação da obra “Quarto de Despejo” nas bibliotecas estrangeiras: uma análise sobre a reprodução das relações de poder a partir da classificação e indexação**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia

Orientador: Prof. Dr. Walter Moreira  
Coorientadora: Me. Amanda Mendes da Silva

Marília  
2025

Silva, Ana Claudia Vicari.

A representação da obra “Quarto de Despejo” nas bibliotecas estrangeiras :uma análise sobre a reprodução das relações de poder a partir da classificação e indexação / Ana Claudia Vicari Silva. -- Marília, 2025

92 p. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado – Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Orientador: Walter Moreira

Coorientadora: Amanda Mendes da Silva

1. Quarto de Despejo. 2. Indexação. 3. Classificação. I. Título

Ana Claudia Vicari Silva

**A representação da obra “Quarto de Despejo” nas bibliotecas estrangeiras: uma análise sobre a reprodução das relações de poder a partir da classificação e indexação**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. Walter Moreira  
UNESP – Câmpus de Marília  
Orientador

Me. Amanda Mendes da Silva  
UNESP - Câmpus de Marília  
Coorientadora

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rúbia Martins  
UNESP - Câmpus de Marília

Me. Samantha Augusta dos Santos de Jesus  
UNESP - Câmpus de Marília

Marília, 09 de Dezembro de 2025

## **AGRADECIMENTO**

Chegar até aqui, no final de uma graduação, é muito importante e gratificante para mim. Venho de uma família apenas de mulheres, onde sou a primeira a me formar em um curso de ensino superior. Então, primeiramente, gostaria de agradecer as mulheres fortes que fazem parte desta vitória, que sempre me deram suporte e incentivo. Agradeço a minha mãe Zanete por ter me encorajado a me mudar para Marília, e por ter me ensinado como os estudos podem mudar minha vida. Agradeço, principalmente, a minha irmã Daniele, que sempre acreditou em mim e na minha escolha de curso de graduação.

Agradeço às pessoas que estão comigo todos os dias. Primeiramente, agradeço a minha melhor amiga Valeria Almeida, que desde que nos conhecemos não nos soltamos mais. Sempre me animou, me ajudou e me deu colo nos momentos mais difíceis. Sempre esteve ao meu lado nos problemas acadêmicos e não acadêmicos. Espero te levar comigo para o resto da vida, porque é difícil encontrar uma amizade tão boa e genuína assim.

Agradeço ao meu namorado Felipe Ramiro, que não me deixa desistir de nada e está sempre disponível para me ouvir e me ajudar. Agradeço pela paciência, carinho e zelo, pois, esse foi um ano muito difícil para mim, mas sempre esteve junto e presente em todos os momentos. Também espero te levar comigo para o resto da vida, você é muito especial.

Agradeço ao corpo docente que sempre foi muito atencioso e competente. Agradeço ao Professor Carlos Candido de Almeida que sempre esteve disponível para sanar minhas dúvidas. Agradeço principalmente a Professora Franciele Marques Redigolo, que tirou muitas dúvidas específicas e que me orientou em muitos momentos. Devo agradecê-la também por todo carinho, cuidado e zelo pelo grupo PET. Ter a Professora Franciele como tutora do PET me fez ter outra visão do grupo, e sei que vou sentir saudades de integrar esse grupo que fez muita diferença na minha formação.

Agradeço ao meu orientador, Professor Walter Moreira, que me incentivou e auxiliou nesse trabalho tão importante para mim. Agradeço pela paciência, competência e por ter me ajudado a escolher um tema tão legal como esse. Um dia espero ser 1% do profissional que o senhor é.

Agradeço à minha coorientadora, Amanda Mendes, que também me ajudou nesse trabalho. Também agradeço a banca examinadora por ter sido tão atenciosa, pelos seus apontamentos que fizeram diferença no trabalho.

Por fim, agradeço a coragem de Carolina Maria de Jesus, por ter sido uma mulher forte e sábia. Sua escrita mudou minha visão de vida, e gostaria que todo mundo visse essa mulher como eu vejo: com muito carinho e admiração. Carolina Maria de Jesus vive! Carolina Maria de Jesus é resistência!

“Carolina hoje não pertence a ninguém. Carolina pertence a todos: a brasileiros, a estrangeiros, à comunidade negra, a pessoas de todas as raças, adolescentes e crianças. Carolina é do mundo.”

(Evaristo e Jesus, 2021, p. 23)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a obra de Carolina Maria de Jesus “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Buscou-se analisar como a mesma é representada nas bibliotecas estrangeiras mundo afora. Para tanto, deu-se destaque aos descritores e às notações de classificação utilizados. Os esforços aqui concentrados justificam-se na medida em que parte-se de um referencial teórico que leva em consideração as relações de poder que perpassam a vida da autora. Ademais, entende-se como fruto dessas relações de poder a representação estereotipada da obra, sobretudo nos países do norte global. A obra é, muitas vezes, reduzida às condições sociais de pobreza relatadas pela autora mineira, isso quando não associa-se o Brasil e a cidade de São Paulo como um todo à esse contexto. A partir da coleta de dados, os resultados são: a) há um consenso em representar a obra como sendo do gênero biográfico; b) poucas vezes os termos descritores e notações associaram a obra à questões de raça e gênero; c) a preocupante estereotipação da obra; d) a forma como algumas bibliotecas utilizam do mesmo descritor de forma repetida. Aliando os resultados ao referencial teórico, conclui-se que essa representação, no mínimo limitante da obra, deve-se à uma posição de poder assumida pelos representantes do norte global e que, muitas vezes, abastecidos com um sistema de classificação que igualmente hierarquiza e prioriza saberes, acabam por replicar as injustiças vividas e relatadas por Carolina Maria de Jesus.

**Palavras-chave:** Quarto de Despejo; Carolina Maria de Jesus; Indexação; Classificação.

## **ABSTRACT**

This study focuses on Carolina Maria de Jesus's work "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (The Garbage Room: Diary of a Slum Dweller). It seeks to analyze how this work is represented in foreign libraries around the world. To this end, emphasis was placed on the descriptors and classification notations used. The efforts concentrated here are justified insofar as they are based on a theoretical framework that takes into account the power relations that permeate the author's life. Furthermore, the stereotypical representation of the work, especially in countries in the global north, is understood to be the result of these power relations. The work is often reduced to the social conditions of poverty reported by the author from Minas Gerais, when Brazil and the city of São Paulo as a whole are not associated with this context. Based on the data collected, the results are: a) there is a consensus in representing the work as being of the biographical genre; b) the descriptive terms and notations rarely associated the work with issues of race and gender; c) the worrying stereotyping of the work; d) the way in which some libraries use the same descriptor repeatedly. Combining the results with the theoretical framework, it can be concluded that this representation, which is at least limiting in nature, is due to the position of power assumed by representatives of the global north who, often equipped with a classification system that also hierarchizes and prioritizes knowledge, end up replicating the injustices experienced and reported by Carolina Maria de Jesus.

**Keywords:** Child of the Dark; Carolina Maria de Jesus; Indexing; Classification.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 - Termos coletados nas bibliotecas da América..... | 55 |
| Gráfico 2 - Termos coletados nas bibliotecas da Europa.....  | 59 |
| Gráfico 3 - Termos coletados nas bibliotecas da Oceania..... | 63 |
| Gráfico 4 - Dados gerais dos termos coletados.....           | 66 |
| Quadro 1 - Notações coletadas da CDD.....                    | 68 |
| Gráfico 5 - Notações coletadas: notações completas.....      | 70 |
| Gráfico 6: Notações coletadas: classes principais.....       | 71 |
| Gráfico 7: Notações coletadas: classes específicas.....      | 73 |

## LISTA DE TABELAS

|                          |    |
|--------------------------|----|
| Tabela 1 – Américas..... | 87 |
| Tabela 2 – Europa.....   | 90 |
| Tabela 3 – Ásia.....     | 91 |
| Tabela 4 – Oceania.....  | 91 |
| Tabela 5 – África.....   | 92 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                       |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 Introdução.....</b>                                                                              | <b>13</b> |
| 1.1 Justificativa.....                                                                                | 16        |
| 1.2 Objetivos.....                                                                                    | 17        |
| 1.3 Procedimentos Metodológicos.....                                                                  | 18        |
| <b>2 Referencial Teórico.....</b>                                                                     | <b>23</b> |
| 2.1 Organização e Representação do conhecimento e da informação.....                                  | 23        |
| 2.2 Sistemas de classificação bibliográfica.....                                                      | 26        |
| 2.2.1 Classificação Decimal de Dewey.....                                                             | 28        |
| 2.2.2 Classificação Decimal Universal.....                                                            | 29        |
| 2.2.3 Classificação da Biblioteca do Congresso.....                                                   | 30        |
| 2.3 Indexação.....                                                                                    | 31        |
| <b>3 Carolina Maria de Jesus e sua obra.....</b>                                                      | <b>34</b> |
| <b>4 Marcadores Sociais da diferença e Relações de Poder.....</b>                                     | <b>40</b> |
| <b>5 Gêneros textuais e literários.....</b>                                                           | <b>44</b> |
| 5.1 Diário.....                                                                                       | 45        |
| 5.2 Biografia.....                                                                                    | 46        |
| 5.3 Relato pessoal.....                                                                               | 47        |
| 5.4 Novela.....                                                                                       | 48        |
| 5.5 Conto.....                                                                                        | 49        |
| 5.6 Romance.....                                                                                      | 49        |
| 5.7 Ficção.....                                                                                       | 50        |
| <b>6 Sobre os termos de indexação.....</b>                                                            | <b>52</b> |
| 6.1 Continente americano.....                                                                         | 52        |
| 6.2 Continente europeu.....                                                                           | 57        |
| 6.3 Continente oceânico.....                                                                          | 61        |
| 6.4 Análise geral dos termos de indexação.....                                                        | 63        |
| <b>7 Sobre as notações de classificação.....</b>                                                      | <b>67</b> |
| 7.1 Análise das notações de classificação coletadas em bibliotecas que utilizam a CDD...<br>67        |           |
| 7.2 Análise das notações de classificação coletadas em bibliotecas que utilizam a CDU e<br>a LCC..... | 72        |
| <b>8 Considerações Finais.....</b>                                                                    | <b>74</b> |
| <b>9 Referências.....</b>                                                                             | <b>76</b> |
| <b>APÊNDICE A – Tabelas da coleta de dados.....</b>                                                   | <b>86</b> |

## 1 Introdução

O presente estudo possui como objeto de estudo a investigação sobre a forma como a obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, está representada em bibliotecas estrangeiras. Para tanto, considera-se necessário demonstrar o motivo da escolha da obra, de forma a contextualizá-la.

“Quarto de despejo: diário de uma favelada” é um livro escrito por Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960. É um diário real, no qual a autora, uma moradora da favela do Canindé em São Paulo, relata suas vivências sendo mãe solteira de três filhos e catadora de papel. Trata-se de uma narrativa sobre a extrema pobreza, a fome constante e as dificuldades em conseguir alimento e roupas para seus filhos. A autora também aborda questões como a violência, o alcoolismo e as tensões sociais dentro da comunidade e comenta sobre o preconceito racial e social que enfrenta como mulher negra e pobre. Mesmo vivendo nesse contexto, Carolina Maria de Jesus demonstra força e vontade para mudar a realidade de seus filhos. Seu desejo de escrever e registrar sua vida surge como uma forma de resistência e de busca por dignidade.

Como é possível observar, a obra escolhida trata de temas relativos à busca por justiça social, como a violência, as desigualdades sociais e, sobretudo, as relações de poder que perpassam as relações em que se incluem os sujeitos subalternizados. Em consonância, parte-se da perspectiva teórica de que a biblioteconomia e a ciência da informação, na condição mesma de ciências sociais aplicadas, devem prezar sempre pela justiça social e pela democratização do conhecimento, assim como pela representação equalitária do conhecimento. A obra de Carolina Maria de Jesus, sobretudo, é capaz de refletir a marginalidade em que a protagonista vive, ao mesmo tempo em que desponta como capaz de demonstrar a marginalidade da literatura brasileira no exterior.

Quando se trata da questão da representação do conhecimento nas unidades de informação estrangeiras, considera-se necessário situar, igualmente, o entendimento acerca do conceito de “conhecimento”.

No primeiro momento, julga-se necessário distinguir conhecimento de informação. Burke (2003), apropriando-se de Lévi-Strauss, demonstra que a informação é o “cru”, é aquilo que pode ser articulado na constituição do conhecimento que, por sua vez, é o cozido. Isto é, a informação é aquilo que pode

ser processado pelo pensamento, que pode ser “cozida” e “transformada”, subsequentemente, em conhecimento.

A história ocidental hierarquizou os saberes, os conhecimentos. A modernidade positivista fez questão de considerar como conhecimento válido somente o conhecimento científico, de forma a justificar invasões coloniais e, ademais, movimentos que silenciaram os conhecimentos alheios, causando um epistemicídio (Overing, 1994).

Assim sendo, concebe-se que o conhecimento não é algo dado universalmente a partir da relação do sujeito com o objeto. O conhecimento, assim como os saberes, como argumenta Foucault (2002, p. 15-18) em diálogo com Nietzsche, é uma invenção:

O conhecimento foi, portanto, inventado. Dizer que ele foi inventado é dizer que ele não tem origem. É dizer, de maneira mais precisa, por mais paradoxal que seja, que o conhecimento não está em absoluto inscrito na natureza humana. O conhecimento não constitui o mais antigo instinto do homem, ou, inversamente, não há no comportamento humano [...] algo como um germe do conhecimento. [...] O conhecimento tem por fundamento, por base e por ponto de partida os instintos, mas instintos em confronto entre si, de que ele é apenas o resultado, em sua superfície. [...] entre instinto e conhecimento encontramos não uma continuidade, mas uma relação de luta, de dominação, de subserviência [...]. Só pode haver uma relação de violência, de dominação, de poder e de força, de violação. O conhecimento só pode ser uma violação das coisas a conhecer e não percepção, reconhecimento, identificação delas ou com elas.

A partir dessa perspectiva de conhecimento é possível inferir que toda formação de saber é perpassada também por relações e jogos de poder. O saber psiquiátrico, por exemplo, constitui-se enquanto saber na relação de poder com o “louco”. Assim, todo conhecimento, todo saber constitui-se a partir de relações de poder (Foucault, 1978).

A partir dessa definição de conhecimento, é importante pensar sobre a organização dos saberes, independente de sua forma ou origem. A organização do conhecimento existe com a motivação de estruturar registros de conhecimento em bibliotecas e outras unidades de informação, utilizando de sistemas de organização do conhecimento (SOC). Quando são utilizados esses meios para organizar livros e outros documentos, realiza-se a divisão do conhecimento em conceitos, ordenados por classes e subclasses, promovendo uma organização regulada por uma estrutura classificatória. Para que se possa garantir a eficácia do processo de recuperação da informação pelo usuário, é preciso que os SOC, tais como os sistemas de

classificação e os tesauros, entre outros, estejam logicamente organizados e que sejam compreensíveis tanto pelos bibliotecários (indexadores) quanto pelos usuários do sistema (pesquisadores).

Outro conceito importante a ser trabalhado, por afinidades lógico-semânticas com o conceito de organização, é o conceito de “representação”. É possível constatar que, desde os registros das primeiras sociedades, observa-se o uso de recursos capazes representar suas vivências; os homens pré-históricos usavam pinturas rupestres, isto é, feitas nas rochas, como meio de representação para retratar seu cotidiano (Lima; Alvares, 2012). Entende-se, desta forma, que o exercício representativo consiste em “colocar algo em lugar de”. Desse modo, constrói-se uma relação entre a palavra e o signo.

Portanto, o ato de representar refere-se à utilização de signos para representar um objeto, uma ideia ou um fato. Com o objetivo de enfatizar essa ideia, apropria-se de um dos mais famosos exemplos de representação: o cachimbo de René Magritte (1929). A obra surrealista, no geral, questiona os limites da comunicação e da linguagem, assim como do próprio real. Essa obra apresenta uma imagem que é, aparentemente, um cachimbo seguido da frase “isto não é um cachimbo” de forma a demonstrar como a representação opera. No quadro, observa-se uma tripla representação do objeto cachimbo, que se dá tanto pelo desenho do cachimbo, quanto pela palavra “cachimbo” e até mesmo pela frase que se constitui como negação do cachimbo. Contudo, por mais que se tenha uma tripla representação, o intuito da obra é demonstrar que nada daquilo é um cachimbo (Foucault, 2008). Dessa forma, observa-se não apenas o que é a representação, mas também se tem conhecimento dos contornos de suas limitações. Cabe ainda pontuar sem, contudo, explorar neste momento, que Foucault (1987) identifica uma hierarquia entre o falado, isto é, a palavra, e as coisas.

Partindo-se desta noção sobre representação, identifica-se como problema da pesquisa de que forma as relações de poder interferem nas representações do livro “Quarto de Despejo” em bibliotecas estrangeiras.

## 1.1 Justificativa

Esta subseção tem como finalidade justificar as razões de ser da presente pesquisa. Para tanto, situam-se justificativas no âmbito científico, que tornam relevantes os esforços aqui reunidos.

No que se refere a justificativa científica, o primeiro fator a ser tratado diz respeito à falta de trabalhos com essa temática na CI. Para tanto, foi realizado um breve levantamento, em que se utilizou a BRAPCI, base de dados que concentra trabalhos da Ciência da Informação brasileira. Para a construção desse levantamento, foi utilizada como estratégia de busca a expressão do nome da autora em foco: “Carolina Maria de Jesus”, assim, entre aspas e sem quaisquer restrições de idioma, período de cobertura ou outras.

A partir da busca realizada foram recuperados seis trabalhos, sendo quatro artigos e dois trabalhos publicados em anais de congressos. Esses resultados representam publicações acadêmicas e trabalhos de pesquisa relacionados à vida e à obra de Carolina Maria de Jesus. Abordam diferentes perspectivas de sua trajetória literária, social e cultural e analisam como suas contribuições foram percebidas, desenvolvidas e preservadas ao longo do tempo. Também é possível notar que esses trabalhos são recentes, datando de 2018 até o presente. Além disso, observou-se que esses trabalhos não têm, aparentemente, nenhuma ligação entre si em termos de afiliação institucional dos autores.

Na CI, a obra de Carolina Maria de Jesus se destaca pela importância de considerar fontes não tradicionais e vozes marginalizadas na construção do conhecimento. A análise de sua obra revela como ela se apropriou da informação disponível, apesar das limitações educacionais e sociais, transformando suas experiências em literatura e contribuindo para a memória social e histórica. O levantamento demonstrou desafios, como a relativa escassez de trabalhos acadêmicos sobre a autora na BRAPCI, comparativamente a outros temas. Todavia, os trabalhos encontrados exploram temas como o acervo pessoal de Carolina e os motivos do mesmo ter se dispersado entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Lopes, Bizello e Rodrigues, 2023). Sob outra perspectiva, Martins e Silva (2023) também tratam dos arquivos pessoais de Carolina e demais escritores, observando-os a partir da questão da memória. Santos, Silva e Lubisco (2019), por sua vez, voltam-se à outra face da memória: o esquecimento e perguntam sobre

seus motivos, associando-o ao silenciamento, de forma que se pode entendê-lo como algo produzido. Costa e Farias (2021) discorrem a respeito de como a apropriação e o uso da informação conseguem levar o sujeito, mesmo que não seja escolarizado, ao protagonismo social. Por fim, Leal (2024) explora a relação da autora com a Argentina.

Esse breve levantamento é um indicativo de que existem poucos trabalhos na área da CI sobre Carolina Maria de Jesus, e que, nenhum deles visam compreender a representação documentária em unidades de informação estrangeiras pela análise da classificação e indexação da obra escolhida. Desse modo, essa pesquisa justifica-se pela falta de estudos científicos pensados nessa temática específica, e também pela falta de trabalhos sobre a autora na área da CI como um todo.

É crucial ressaltar a importância de estudos sobre esse assunto, pois a autora Carolina Maria de Jesus é uma figura influente para a história da literatura brasileira, já que conseguiu compartilhar sua vida sendo uma mulher negra e periférica por meio de seus livros. Não só conseguiu lançá-los, mas também conseguiu expandi-los no Brasil e internacionalmente. Esse fato é fundamental, pois é por meio dessa internacionalização do “Quarto de Despejo” que a presente pesquisa propõe analisar e comparar a qualidade e a pertinência das representações em bibliotecas estrangeiras.

Também é importante ressaltar que o trabalho justifica-se pela importância do tema, e pela necessidade de produção de mais trabalhos sobre Carolina Maria de Jesus na Biblioteconomia. A existência de trabalhos sobre mulheres negras na literatura brasileira tem magnífica importância para não haver apagamento de suas histórias e vivências.

Por fim, este trabalho também se justifica pelo horizonte teórico escolhido para analisar as representações da obra de Carolina Maria de Jesus. Este, por sua vez, é o horizonte teórico foucaultiano, que permite compreender um possível apagamento da obra e da autora como uma estratégia do dispositivo saber-poder.

## **1.2 Objetivos**

Este estudo tem como objetivo geral compreender algumas nuances da representação documentária em unidades de informação estrangeiras pela análise da classificação e indexação de obra representativa da literatura brasileira. Neste

estudo, a obra selecionada é a de Carolina Maria de Jesus, intitulada “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Para tanto, são propostos os seguintes objetivos específicos: a) discutir as relações entre os conceitos de “organização”, “representação” em seus aspectos discursivos; b) analisar a representação da obra escolhida a partir das notações de classificação e de descritores utilizados; c) verificar e comparar a qualidade e a pertinência das representações documentárias atribuídas à obra escolhida.

### **1.3 Procedimentos Metodológicos**

O presente trabalho é de natureza qualitativa, pois se trata de uma abordagem que prioriza a natureza e a complexidade do tema do estudo. O método qualitativo busca ultrapassar a métrica e a quantidade, priorizando a qualidade e a compreensão, buscando a melhor interpretação. Trata-se, dessa forma, de uma pesquisa em que se busca compreender o “como” e o “porquê” ao aprofundar-se no caso específico de estudo (Yin, 2016). Em razão disso, este se identifica com a natureza qualitativa, uma vez que tem como objetivos compreender, identificar, analisar e comparar as representações documentárias do livro “Quarto de Despejo”.

Este trabalho se apoia no paradigma fenomenológico. Dessa forma, parte-se do entendimento de que a multiplicidade irreduzível dos objetos de pesquisa serão observados não como elementos exteriores e dados ao sujeito, mas sim, construídos pelos sujeitos e interpretados por estes (Roesch, 1999). Assim, circunscrevem-se a biblioteconomia e a ciência da informação como aquelas que se constituem justamente na relação dos sujeitos com o objeto e não, como postula o positivismo, uma ciência objetiva que se distancia do objeto, observando-o em sua universalidade. Dessa forma, “A idéia de uma mediação permanente entre objeto e conhecedor afeta diretamente os estudos epistemológicos da CI” (Figueiredo, 2012).

Deve-se mencionar inclusive que, uma vez que este trabalho é de nível descritivo, a fenomenologia encontra sua razão de ser neste, visto que esta se postula como a forma científica de descrição dos fenômenos, e não de explicação (Carmo, 2000).

O levantamento bibliográfico realizado envolve alguns eixos. Em primeiro lugar, buscou-se aprofundar a compreensão da obra “Quarto de despejo”, tanto a partir da sua releitura como de sua fortuna crítica. Num segundo plano,

considerou-se trabalhar com artigos de periódicos e demais fontes acadêmicas que se debruçam sobre a questão da representação da literatura brasileira no exterior. Considerou-se essencial também trabalhar com textos críticos aos sistemas de classificação bibliográfica, uma vez que se parte do posicionamento metodológico de que todo sistema de classificação representa e reproduz relações de poder contidas na sociedade.

Além disso, o levantamento bibliográfico foi realizado para a devida compreensão do estado da arte a respeito da obra analisada e dos conceitos fundamentais da biblioteconomia. Foi utilizado para a busca termos como: “Carolina Maria de Jesus”; “Quarto de Despejo”; “Carolina Maria de Jesus AND Biblioteconomia”; “Carolina Maria de Jesus AND Ciência da Informação”. As bases de dados utilizadas foram BRAPCI, SCIELO e Portal de Periódicos da CAPES.

No que diz respeito aos dados coletados, inicialmente, é preciso pontuar que eles provêm de fontes disponíveis na internet e, mais especificamente, dos *sites* das bibliotecas. Nesse último caso, referem-se aos dados de representação da obra nas referidas unidades informacionais, a saber, os termos indexadores e as notações de classificação. Compreende-se que tais dados não se configuram como provenientes de documentos, uma vez que a informação coletada sobre como as bibliotecas representam os livros não se constitui como documentação. Tampouco se trata de dados provenientes de bibliografia, ou seja, dados de origem secundária. Estes são dados de representação documentária, que simbolizam a forma pela qual a obra foi enquadrada a partir de termos e notações de classificação.

Os referidos dados foram coletados manualmente, no período de maio de 2025, e foram organizados em tabelas, que estão dispostas no apêndice A, para melhor compreensão. As tabelas reúnem informações sobre: localização (país), identificação da biblioteca (nome e tipo), dados da obra e metadados catalográficos (classificação, palavras-chave) e ano de registro.

A fase preliminar da coleta envolveu a organização dos dados por regiões continentais. A divisão continental adotada compreende os seguintes continentes: América; Europa; Ásia; Oceania e África. O critério adotado para a seleção dos países, já dentro do recorte continental, selecionou aqueles com as maiores economias, de acordo com o *World Economic Outlook* (International Monetary Fund,

2025). Esse critério foi selecionado porque se entende que tais países possuem grande influência econômica, política e cultural, seja de forma regional ou global.

Dessa forma, os países utilizados na recuperação dos dados no continente americano foram: Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Estados Unidos, México, Panamá. No que diz respeito ao continente europeu, os países selecionados foram: Alemanha, Áustria, França, Itália, Espanha, Reino Unido e Rússia. No continente asiático procurou-se por bibliotecas na China, Índia e Japão, os dois últimos, no entanto, não trouxeram resultados. Na Oceania buscou-se por bibliotecas na Austrália; no continente africano procurou-se por bibliotecas na África do sul e no Egito, apenas o segundo trouxe resultados, contudo.

Após a organização dos dados sobre as regiões, foi feita uma busca sistemática no Google com os termos 'biblioteca + nome do país'. Essa ação possibilitou o acesso a várias bibliotecas, tornando possível a escolha das unidades selecionadas.

Já num segundo nível dos critérios adotados, foram selecionadas as bibliotecas que tinham: 1) sites disponíveis com acesso aberto ao acervo; 2) a existência do livro "Quarto de Despejo" no acervo; 3) a disponibilização dos números de chamada e descritores. Foi a partir desses critérios que alguns países, que foram selecionados anteriormente, acabaram sendo excluídos da análise. Para a seleção final das bibliotecas, não se estabeleceu como critério ter ambas as informações (números de chamada e descritores), apenas um desses requisitos já seria o suficiente para análise dos dados. Tal decisão foi tomada, pois, a análise pode ser realizada a partir de notações de classificação ou de termos de indexação.

Alguns dos países que não foram incluídos na análise, por não possuírem a obra "Quarto de despejo", tinham, contudo, outras obras da Carolina Maria de Jesus, como "Casa de Alvenaria" e "Diário de Bitita"; foram também recuperados alguns estudos sobre a vida da autora, demonstrando sua relevância global.

No que diz respeito à pesquisa sobre o livro nos catálogos, os termos utilizados foram "Carolina Maria de Jesus", "Quarto de Despejo", "Child Of The Dark" e "Le Dépotoir" e "La Favela"; os três últimos termos referem-se às traduções correntes nos países pesquisados, informação essa retirada do trabalho de conclusão de curso de Bahia (2019). Na grande maioria foi usado o nome completo

da autora, ainda mais em casos em que não foi possível encontrar a tradução do título em todos os idiomas.

Em países que possuem o francês como idioma oficial foi utilizado o termo 'Le Dépotoir', mas também não houve um grande número de itens recuperados. O termo que mais recuperou resultados foi o nome completo da autora.

Para a análise dos termos de indexação, foram elaborados gráficos de pizza de cada continente, com exceção do continente africano e asiático, pois não foram recuperados dados que se refiram aos termos indexadores.

Primeiramente, foi feita a contagem de termos a partir dos continentes, considerando a quantidade de ocorrências dos indexadores utilizados por cada biblioteca. Mesmo quando repetidos ou vinculados a outros termos, as ocorrências dos cabeçalhos de assunto foram contabilizadas. Foi preciso agir dessa forma porque, em se tratando de uma fase quantitativa da pesquisa, é necessário compreender os valores globais da amostra. O seguinte caso, por exemplo, ilustra a situação descrita: São Paulo (Brasil) -- Condições Sociais. Nesse caso, foram contabilizados os termos 'São Paulo', 'Brasil' e 'Condições Sociais', assim sendo possível obter maiores resultados no quesito de representação. A partir dessa contagem específica pelos continentes, foram elaborados gráficos que apresentam os dados totais da coleta, de forma a apresentar um panorama geral de como a obra está sendo representada em bibliotecas estrangeiras.

Foram utilizados gráficos, a fim de representar estatisticamente os dados coletados que se encontram presentes no apêndice A. Dessa maneira, fica visualmente compreensível a forma pela qual a obra escolhida está representada em diversas unidades de informação. Esse procedimento foi realizado tanto com os termos de indexação quanto com a classificação. No segundo caso, está representado em gráficos o número de vezes, e sua representação estatística, que cada notação foi utilizada para classificar a obra "Quarto de Despejo".

No caso da análise das notações de classificação, notou-se que, devido à baixa amostragem de alguns continentes, não seria proveitoso a realização da análise a partir do recorte continental. Desta forma, a análise das notações de classificação foi dividida em duas etapas, 1) análise dos dados coletados de bibliotecas que utilizam a CDD como sistema de classificação; e 2) análise dos dados coletados de bibliotecas que utilizam outros sistemas de classificação (CDU,

LCC e sistemas próprios). No caso de bibliotecas que utilizam sistemas de classificação próprios, o acesso ao manual de classificação foi impossibilitado, de forma a impedir uma análise detida da notação.

Os indexadores e as notações de classificação, por sua vez, foram analisadas a partir do referencial teórico, sobretudo a partir da concepção de relações de poder, proveniente da literatura foucaultiana. Isto é, entende-se que tais dados são capazes de demonstrar a forma pela qual se constitui o discurso no exterior (principalmente no norte global) sobre populações negras e periféricas brasileiras, de forma a produzir distorções no entendimento e representação da obra em análise. Dessa forma, compreende-se que a análise foi realizada depois da coleta de dados.

Por fim, a análise dos indexadores e das notações também foram realizadas a partir do debate sobre gêneros textuais e literários. Para tanto, buscou-se definir e discutir, a partir de autores da área, as classificações literárias utilizadas pelas bibliotecas para representar o “Quarto de despejo”. A obra de Carolina Maria de Jesus foi enquadrada em diversas categorias, sendo elas: diário; biografia; relato pessoal; novela; conto; romance e ficção. Desta forma, a partir do debate propiciado no capítulo 5, foi possível analisar a representação da obra a partir do arcabouço textual e literário.

## 2 Referencial Teórico

Nesta seção serão abordadas as definições dos conceitos utilizados para a fundamentação teórica da presente pesquisa. Este capítulo apresenta as definições a partir de autores já publicados, servindo como base para contextualização. As subseções apresentam cada conceito específico.

### 2.1 Organização e Representação do conhecimento e da informação

A Organização do Conhecimento (OC) é uma disciplina da área da Ciência da Informação que “[...] significa especialmente os registros (o que é feito em OC), bem como a maneira ideal de utilizar determinados registros (o que é feito na recuperação de informações IR)” (Hjørland, 2003, p. 40, tradução livre). Isso significa que a OC tem como objetivo tratar de sistemas conceituais para estruturar e ordenar o conhecimento, com o intuito de facilitar a recuperação e uso. Também se caracteriza pela sua interdisciplinaridade que aproxima a área da Ciência da Informação, Computação e Linguística.

Para haver essa estruturação e organização, o conceito de OC está relacionado diretamente à construção de sistemas de classificação e indexação, bibliografias e bases de dados eletrônicas (Hjørland, 2003). Esses elementos são chamados de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), são subsídios da OC e que possibilitam a organização. O autor Gomes (2009) explica que:

Desenvolver sistemas de classificação significa estabelecer o sistema de conceitos / termos a serem usados na indexação, na recuperação e no acesso / índice. Devem conter uma sintaxe, notação (no caso das tabelas), bem como a terminologia de acesso ao sistema e usada como base da indexação” (Gomes, 2009, p. 69).

A partir dessa citação é possível perceber a importância dos SOC para representação e a organização do conhecimento. Ainda sobre a importância dos SOC para OC, o autor Hjørland (2016) afirma que:

OC consiste em descrever, representar, arquivar e organizar documentos, representações de documentos, assuntos e conceitos, tanto por seres humanos como por programas de computador. Para estes fins, são desenvolvidas regras e normas, incluindo sistemas de classificação, listas de títulos de assuntos, tesouros e outras formas de metadados (Hjørland, 2016, p. 475, tradução livre).

Uma teoria que também alicerça a OC é a Teoria do Conceito de Dahlberg (1978), a autora defende a ideia de que o trabalho conceitual é umas das etapas fundamentais de organização e representação da informação e do conhecimento, de

maneira direta ou secundária. O autor Barité (2015) explica sobre como o conceito é um elemento bastante presente na OC:

O conceito, enquanto representação simbólica, está na base da Teoria da Classificação e da Terminologia, pois é o elemento indivisível que permite representar o conhecimento contido nos documentos e organizar os enunciados correspondentes à ideia que se tem de qualquer coisa. Em vocabulários controlados e na linguagem natural, o conceito é representado por meio de um rótulo (Barité, 2015, p. 33, tradução livre).

A autora Dahlberg (1978) define que o conceito é composto por elementos e que se articulam em unidade estruturada, e que esses elementos estão presentes nos conceitos gerais e individuais, “[...] é fácil também verificar que os elementos contidos nos conceitos gerais encontram-se também nos conceitos individuais, sendo, portanto, possível reduzir os conceitos individuais aos gerais e ordená-los de acordo com os conceitos gerais” (Dahlberg, 1978, p. 102).

A OC é uma disciplina com grandes discussões e debates sobre definições. Mas é possível afirmar que:

as atividades de organização do conhecimento e representação da informação estão essencialmente direcionadas a duas funções básicas: a de acesso a documentos em bibliotecas e a de recuperação do conteúdo intelectual dos documentos pelos catálogos através do índice de assuntos (Souza, 2007, p. 103).

No que diz respeito à organização da informação, trata-se de uma operação cujo objetivo é “possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação” (Brascher e Café, 2008). Dessa forma, entende-se que a OI oferece acesso à informação, utilizando o arranjo dos elementos da OC (Lima; Alvares, 2012). Em suma, é possível definir OI da seguinte forma:

A organização da informação é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. Alguns tipos de representação da informação são construídos por meio de linguagens elaboradas especificamente para os objetivos da OI (Brascher; Café, 2008, p. 5).

A OI é voltada diretamente à recuperação de objetos informacionais, que variam desde textos até páginas da *web* (Lima; Alvares, 2012). Para tanto, algumas técnicas são necessárias, como o uso de bases de dados, o processo de indexação e a inserção de metadados; o uso preciso e eficaz dessas ferramentas serve para a recuperação da informação. É uma área que dialoga com todos os estudos

relacionados à OC por conta da representação de objetos informacionais, que contribuem para uma recuperação não exaustiva para os usuários (Lima, 2020).

A fim de evitar a exaustão no processo de busca, a experiência em classificação e indexação tornam-se necessárias, de forma que a representação produzida faça sentido para a população que frequenta a biblioteca. Por conta disso, a OC e a OI são elementos constituintes de um mesmo sistema que se complementam, uma vez que é preciso organizar e interpretar os saberes de modo a resultar em uma boa representação, além de propiciar uma organização onde a estratégia de busca e a própria busca não sejam cansativas ou infrutíferas.

A Representação da Informação (RI) é um processo complexo que vai além da simples descrição ou catalogação de dados. Como destaca Alvarenga (2003), a representação é um processo cognitivo que envolve etapas como percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação. Essas etapas aprofundam o conhecimento, independente de serem já conhecidas ou não, utilizando os sentidos, emoções da razão e da linguagem. Dessa forma, a RI pode ser entendida como a criação de símbolos, códigos e descrições que substituem o objeto ou conceito original.

A representação da informação, utiliza-se de sistemas de organização do SOC para representar informações que estão em documentos por meio de classificação, catalogação e indexação para otimização de tempo e recuperação (Santos, 2023), além de criar estruturas para melhor representação, como vocabulários controlados, tesouros ou bases de dados.

Entende-se que “a principal característica do processo de representação da informação é a substituição de uma entidade linguística longa e complexa - o texto do documento - por sua descrição abreviada” (Novellino, 1996, p. 38). A representação descritiva, conforme Brasher e Café (2008, p. 5) é “entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico”.

Isso significa que, para organizar e recuperar informações de maneira eficiente, é necessário coletar os dados do documento. Essa ação está presente, por exemplo, na catalogação, na qual é preciso identificar título, autor, data, assunto, formato e outras informações relevantes que permitam a identificação e o acesso ao objeto. A RI, é importante lembrar, não se limita apenas à descrição do assunto do

documento, pois envolve também a representação do seu suporte (Lima e Alvares, 2012).

A representação e a organização da informação são interdependentes e se utilizam das linguagens documentárias, resumos, índices etc., com vistas à construção de representações adequadas, organização, armazenamento e posterior recuperação dos documentos e de suas informações correlatas (Lima e Alvares, 2012, p. 37).

Portanto, a representação da informação é um processo de análise de assunto do documento e o uso de conceitos no documento analisado (Novellino, 1996). Um dos seus objetivos é criar estruturas (como vocabulários controlados, tesouros ou bases de dados) que permitam a busca e recuperação eficientes de documentos e informações. É a mediação a interação entre a informação no mundo real (como textos, imagens, sons) e os sistemas que a manipulam.

## **2.2 Sistemas de classificação bibliográfica**

A classificação é o processo de agrupar elementos semelhantes e separar elementos que não são semelhantes. O ato de classificar começa na nomeação e na distinção, resultando em agrupamentos (Cunha; Cavalcanti, 2008). Entende-se que as classificações “permitem ao homem identificar tempo e espaço; reconhecer entes e fatos; estabelecer semelhanças e diferenças; agrupar e separar seres e saberes; enfim, ordenar tudo que o rodeia para se orientar no mundo” (Anjos, 2008, p. 22). O ato de classificar começa mentalmente, quando o indivíduo agrupa objetos, eventos ou ideias a partir de suas semelhanças, resultando em categorias.

A história da classificação, como destaca Lima (2021, p. 200), “teve como partida o modelo estabelecido por Aristóteles, que prevaleceu durante aproximadamente dois mil anos (300 a.C. a 1600) e começou a decair no final da Idade Média”. O sistema aristotélico influenciou não somente a forma de organização da época, pois é possível notar o impacto em sistemas de classificação posteriores.

A classificação passou por mudanças durante o período renascentista, como destaca Lima (2021, p. 206):

Também Bacon, em 1605, contribuiu com fundamentos para o processo classificatório, quando propôs a divisão das ciências segundo a lógica das faculdades humanas: História (memória), Poesia (imaginação) e Filosofia

(razão), dando ênfase aos assuntos tratados nos documentos e não mais às coleções em si.

A classificação, processo fundamental para a organização do conhecimento, é essencial para agrupar e organizar informações de maneira eficiente. Como afirmou Ranganathan (1967, p. 13), classificação “é o processo de agrupar coisas ou conceitos semelhantes em categorias com base em características comuns, com o objetivo de facilitar a sua identificação e acesso.”

Com base nessa conceituação de classificação, entende-se os sistemas de classificação bibliográfica como ferramentas bastante importantes em unidades de informação, sendo ferramentas que auxiliam no cotidiano de bibliotecas e facilitam a representação de livros, entre outros objetos de informação. Para Carlan e Medeiros (2012, p. 58) os sistemas de classificação bibliográfica “foram desenvolvidos com o objetivo de organizar os acervos de bibliotecas facilitando o acesso às informações pelos usuários”.

Com esse objetivo de organizar acervos e acessos às informações, os sistemas de classificação também auxiliam o bibliotecário na representação, pois é a partir dos sistemas que é possível classificar, resultando em representações. Também é importante ressaltar como os sistemas contribuem para a busca e, posteriormente, para a recuperação de livros, pois, uma vez classificados estarão registrados no sistema e podem ser encontrados com facilidade. Os sistemas também permitem a entrada de novos materiais sem alterar a localização dos que já estão registrados no acervo (Duarte, 2013).

Na organização do conhecimento, os sistemas classificatórios desempenham papel fundamental. Conforme Barité (2015, p. 135), trata-se de um

sistema organizador do conhecimento que apresenta os temas numa estrutura ordenada segundo códigos numéricos, alfabéticos ou mistos, que se destina a permitir a classificação de documentos ou recursos de informação, e a localização física ou virtual de cada um deles nas estantes (Barité, 2015, p. 135).

Os sistemas de classificação são linguagens documentárias que permitem o controle de termos para organização e recuperação padronizada e objetiva, também contém signos normalizados. Dessa maneira, os sistemas de classificação podem ser construídos em todas as áreas, sendo necessário a identificação de todos os elementos e processos que estejam envolvidos, da estruturação e adequação de um sistema específico Tristão *et al* (2004):

um esquema de classificação que organiza nomes sistematicamente de acordo com suas similaridades; uma notação da classificação que substitui itens no esquema de classificação; um índice para tornar fácil para o usuário pesquisar a informação. O esquema de classificação final deve ter a função de representar o campo que é classificado” (Tristão *et al* 2004, p. 164).

Essa estrutura - esquema, notação e índice - forma a estrutura dos sistemas mais utilizados na atualidade: a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal. Outros sistemas de classificação que seguem essa forma são Classificação da Biblioteca do Congresso (Library of Congress Classification - LCC), que é usada principalmente em grandes bibliotecas acadêmicas e de pesquisa. E a Classificação Bibliográfica de Bliss (BC), mesmo sendo criada nos Estados Unidos, foi mais amplamente adotada por bibliotecas britânicas, também utiliza dessa estrutura para seu sistema de classificação.

Em suma, os sistemas de classificação existem para organizar o acervo, já que a classificação permite a distribuição dos documentos nas estantes de maneira ordenada, e também facilitam a recuperação de documentos. Dessa forma, os sistemas de classificação são também elementos representativos das obras classificadas. Esta é, no geral, a principal característica dos sistemas de classificação, levando-se em consideração a presente pesquisa. Nas subseções a seguir, serão abordados dois dos sistemas de classificação mais utilizados, a saber, a CDD e a CDU.

### **2.2.1 Classificação Decimal de Dewey**

A Classificação Decimal de Dewey (CDD) é um sistema de classificação que foi criado pelo bibliotecário Melville Louis Kossuth Dewey (1851-1913), em 1876, e é conhecida como um dos sistemas de classificação decimal bibliográfica mais utilizados desde sua publicação, que, desde então, passou por várias edições, sendo a mais atual a edição de nº 23, publicada em 2011.

De acordo com Schiessl e Shintaku (2012), Dewey foi influenciado pelos trabalhos de W. T. Harris (1835-1909). E depois, seu trabalho influenciou o esquema de Classificação Decimal Universal (CDU).

A primeira edição foi publicada anonimamente e era nomeada como *Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a Library*, sua segunda edição que foi publicada em 1885, foi nomeada como *Decimal Classification and Relative Index*. Apenas na 16ª edição o

esquema foi nomeado como Dewey Decimal Classification (DDC) (Andrade *et.al.*, 2012).

Sobre a estrutura e a notação da CDD, destaca-se que são construídas sobre princípios que a tornam uma ferramenta de organização de conhecimento. Contém notação significativa em algarismos arábicos reconhecidos, e as classes básicas são organizadas por disciplinas ou áreas de estudo (Umbelino; Aganette, 2017).

Cada classe principal é dividida em dez divisões, e cada divisão em dez seções (nem todos os números das divisões e seções são usados). A estrutura principal da CDD é apresentada nos sumários após a introdução (Nascimento, 2005).

A construção de números é iniciada apenas mediante instruções nas tabelas (exceto pela adição de subdivisões padrão, que podem ocorrer em qualquer lugar, a menos que haja uma instrução em contrário). A construção de notações começa com um número base (sempre indicado na nota de instrução) ao qual outro número é adicionado (Sousa e Ferreira, 2024).

A CDD é estruturada em dez classes, possui sete tabelas auxiliares, sendo as tabelas 1 e 2 aplicáveis a qualquer classe das tabelas principais. No que tange à estrutura física da CDD, a última edição impressa, de número 23, possui quatro volumes e um guia prático; o volume 1 traz a introdução, o volume 2 e 3 as tabelas sistemáticas ou de assunto e o volume 4 o índice relativo.

É um sistema que contém 10 principais classes (000 - Generalidades, 100 - Filosofia, 200 - Religião, 300 - Ciências Sociais, 400 - Línguas, 500 - Ciências Puras, 600 - Ciências Aplicadas, 700 - Artes, 800 - Literatura e 900 - História e Geografia), e cada uma dessas classes é subdividida para organizar o conhecimento de forma hierárquica. Atualmente, a CDD é considerada um dos sistemas mais famosos e utilizados no mundo.

### **2.2.2 Classificação Decimal Universal**

A Classificação Decimal Universal (CDU) é um sistema de classificação bibliográfica que organiza o conhecimento humano. Publicada em 1905, por Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943), os quais foram importantes colaboradores e amigos que fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) em 1895.

Sobre o contexto histórico, a CDU foi publicada em francês, no ano de 1899, na França, sob o nome de “*Manuel Du Répertoire universel bibliographique*”, e apenas na segunda edição, em 1933, recebeu o nome atual (Silva, 2019). Foi reimpressa em 1907, com o título “*Manuel du Répertoire Bibliographique e Universel*”, incluindo 33.000 subdivisões e um índice alfabético de 38.000 entradas (Oliveira, 1977). A CDU é inspirada nos princípios fundamentais da CDD, sobretudo, no que diz respeito ao seu nível de detalhamento. Mcilwaine (1988) afirma que:

Portanto, Otlet e La Fontaine expandiram o esquema de classificação de Dewey para atender suas próprias necessidades e para isso adicionaram alguns mecanismos sintéticos, tabelas auxiliares, transformando a estrutura exclusivamente numérica da Classificação Decimal, em uma estrutura bem mais flexível e detalhada, na Classificação Decimal Universal (Mcilwaine, 1988, p. 9).

Dessa forma, a CDU é criada para suprir as lacunas que existiam em outros sistemas bibliográficos, e também para suprir as necessidades de seus próprios criadores e outros pesquisadores que utilizavam esses sistemas em suas pesquisas. Sobre o contexto, a CDU foi desenvolvida com base na quinta edição da CDD, que Dewey tinha acabado de publicar em 1894.

Otlet e La Fontaine perceberam que a CDD, por mais que fosse um sistema decimal extenso, não era flexível o suficiente para classificar assuntos compostos. Então, decidiram entrar em contato com Dewey e propor o acréscimo de sinais e símbolos, com o intuito de criarem um sistema com notações mais abrangentes, precisavam também da autorização pelo fator de direitos autorais, para traduzi-la para outros idiomas (Oliveira, 1977).

A CDU também é um sistema que utiliza da hierarquia e do sistema decimal. Contém dez classes principais (000 - Generalidades, 100 - Filosofia e Psicologia, 200 - Religião, 300 - Ciências Sociais, 500 - Ciências Naturais e Matemática, 600 - Ciências Aplicadas, 700 - Artes e Recreação, 800 - Literatura, e 900 - História e Geografia), sendo a classe 400 vaga. Contém tabelas auxiliares que fornecem especificações de lugares, de tempo, de forma, de língua etc., para melhoria das representações.

### **2.2.3 Classificação da Biblioteca do Congresso**

Outro sistema de classificação que é muito utilizado, sobretudo nos Estados Unidos, é o LCC (Library of Congress Classification), que foi desenvolvido pela

Biblioteca do Congresso estadunidense no século XIX. O presente sistema de classificação, além de se basear em Cutter, classifica as obras a partir das áreas do conhecimento, designando letras e números para a representação dos assuntos, que, a princípio, compunham 21 classes principais (Oliveira e Barros, 2024).

Atualmente, a biblioteca do congresso estadunidense figura entre as maiores e mais importantes bibliotecas do mundo, contudo, em sua fundação, que data no longínquo ano de 1800, seu acervo era modesto e o uso era restrito ao congresso (Varão e Oliveira, 2024).

Em contexto de expansão, a direção da biblioteca observou a necessidade da adoção de um sistema de classificação. Baseando-se em Cutter, desenvolveram a LCC, que encontra as principais diferenças com o sistema de Cutter a partir da notação. A estrutura da LCC “[...] é baseada na ordem alfabética, que é assiduamente utilizada. Em sua notação, a classificação é mista, possuindo letras maiúsculas e algarismos arábicos de 1 a 9.999, precedidos por um ponto, chamados de números de Cutter [...]” (Varão e Oliveira, 2024, p 6).

As classes principais da LCC, atualmente, são: **UM** - Generalidades; **B** - filosofia, psicologia, religião; **C** - ciências auxiliares da história; **D** - História, geral/velho mundo; **EF** - história, América; **G** - geografia, antropologia; **H** - ciências sociais; **J** - ciência política; **K** - lei; **L** - educação; **M** - música; **N** - belas artes; **P** - filologia e literatura; **Q** - ciência; **R** - medicamento; **S** - agricultura; **T** - tecnologia; **U** - ciência militar; **V** - ciência naval; **Z** - bibliografia, ciência da informação (UC Berkeley Library, 2023).

A partir das referidas classes principais, a notação de classificação começa a tomar forma. O número da chamada é formado a partir da sequência: Letra da classe + Número(s) da classe + Número(s) do cortador + (Data). A fim de ilustrar o funcionamento da LCC, a seguinte notação, produzida pela biblioteca de música da universidade da Califórnia, serve como exemplo. Para representar a obra “Bach: Uma vida extraordinária”, de Davitt Moroney, a notação criada foi “ML410.B1.M67 2000”, onde ML (Letra da classe) indicam as classes principais, sendo elas, respectivamente, Música e Educação; 410 (Número da classe) representa biografia; .B1.M67 são os números de cortador, sendo um cortador duplo onde a primeira parte designa biografias sobre Bach e o segundo cortador indica a obra específica

de Davitt Moroney; por fim, 2000 representa a data de publicação da edição da obra (UC Berkeley Library, 2023).

### 2.3 Indexação

A indexação, segundo Alvares (2012), é um “processo de atribuir termos ou códigos de indexação a um documento, que serão úteis posteriormente na recuperação da informação”. Segundo Lancaster (1993), a indexação é o processo de identificar e descrever o conteúdo de documentos utilizando termos ou descritores apropriados para facilitar a recuperação da informação. Ademais, a indexação de assuntos se apresenta como etapa preparatória para a representação de um conteúdo (Lancaster, 1993).

De acordo com Cardoso Filho e Santos (2012, p. 185),

A indexação agrega valor à informação, organizando-a e tornando-a acessível. O processamento técnico de livros, por exemplo, que envolve catalogação, classificação e indexação, poupa o tempo do usuário na busca do que ele necessita. Apenas com título ou com autor de uma obra, o usuário identifica o documento procurando, e a boa indexação permite localizar documentos com facilidade.

Como a indexação é um processo para representar suportes e tem como objetivo tornar o acesso mais fácil, requer muita atenção e cautela. Isso é necessário para que não haja ruídos e/ou silêncios no acervo, pois, caso aconteça um erro no momento da indexação, não será possível recuperar a informação. Chaumier (1988) define ruído e silêncio da seguinte forma:

Denomina-se RUÍDO os documentos não pertinentes à questão, que são extraídos do fichário por ocasião de uma pesquisa bibliográfica; os documentos pertinentes existentes no acervo, não recuperados durante a pesquisa, produzem o que se denomina SILÊNCIO (ausência de resposta)” (Chaumier, 1988, p. 63).

Esses ruídos e silêncios podem ser prejudiciais ao acervo, pois se o usuário não encontrar o que precisa, o acervo pode ficar obsoleto, documentos podem estar perdidos e informações não serem devidamente disseminadas. Por conta disso, o processo de indexação é fundamental para a unidade de informação, Chaumier (1988) explica que: “Uma indexação inadequada ou uma indexação insuficiente representam 90% das causas essenciais para a aparição de “ruídos” ou de “silêncios” em uma pesquisa.” (Chaumier, 1988, p. 63).

Para realizar a indexação é necessário seguir algumas etapas para realizar uma representação satisfatória. O processo consiste em três estágios, conforme Chaumier (1988) e Fujita e Tolare (2021).

A primeira etapa é o conhecimento do conteúdo do documento, quando o indexador faz uma leitura rápida identificando seus pontos potencialmente mais informativos, tais como: título e subtítulo, introdução, conclusão, legendas de ilustrações, gráficos, tabelas e informações em negrito. Fujita e Tolare (2017) caracterizam essa etapa como:

Essa fase é feita através da leitura documentária, utilizando técnicas e estratégias de leitura, com objetivo de identificar e selecionar os principais conceitos do documento, extraindo o conteúdo informativo do texto (Fujita, Tolare, 2021, p. 5).

A segunda etapa é a análise dos conceitos do documento, na qual o indexador deve identificar quais são as informações que representam os conceitos ali apresentados. Para selecionar os conceitos, o indexador deve coletar apenas aqueles que se relacionam diretamente com as informações do documento e que façam sentido para os usuários da unidade de informação (Fujita; Tolare, 2021).

A terceira etapa é a tradução dos conceitos escolhidos, na qual o indexador deve inserir os descritores na linguagem documentária com o apoio de tesaurus. Essa ação tem como função construir uma ponte entre a linguagem do usuário e a do indexador (Fujita; Tolare, 2021).

Todas as etapas que integram o processo de indexação são importantes e não devem ser ignoradas, pois são passos que facilitam o trabalho e podem garantir uma boa representação, que potencialmente irá resultar em uma recuperação eficiente.

A indexação é um processo que pode ser realizado a partir de duas formas: manual e automática. A primeira é realizada pelo indexador. Assim sendo, a indexação manual é reconhecida por sua alta precisão, pois os indexadores atribuirão um ou mais termos ao documento, com linguagem natural ou buscando termos em vocabulários controlados, resultando em uma representação eficaz. No entanto, a indexação manual pode ser um processo demorado e caro, além de suscetível a inconsistências entre diferentes indexadores (Lancaster, 2004).

A indexação automática, por sua vez, faz uso de algoritmos e softwares para a respectiva atribuição de descritores aos documentos. Esses recursos fazem uso

de palavras-chave, frequência de ocorrência dos termos nos documentos e outras métricas. A principal característica desse método é sua capacidade de processamento que supera em muito a humana, permitindo um grande volume produtivo em um pequeno intervalo de tempo. No entanto, pode faltar precisão e relevância nos termos escolhidos em vista da dificuldade em captar as nuances e o contexto do conteúdo dos documentos em processos automáticos (Svenonius, 2000).

### **3 Carolina Maria de Jesus e sua obra**

Nesta seção será abordada a história de vida de Carolina Maria de Jesus, para que seja possível a compreensão de sua importância para a literatura brasileira.

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, filha de Maria Carolina de Jesus e de João Cândido Veloso. Em alguns escritos, há apontamentos de dúvidas sobre a exatidão do ano de seu nascimento e sobre o fato de ter conhecido seu pai. Seu apelido era “Bitita” e sua família sempre ressaltava sua inteligência (Cassiano, 2021).

Sua família era numerosa, todos viviam no campo em um terreno comprado pelo avô materno, Benedito José da Silva. Seu avô “[...] conhecido como Sócrates Africano, [foi] a figura marcante para a autora. Ela atribui a ele seu gosto pelas letras e a formação de sua conduta moral” (Menezes; Barretos, 2022). A história de Benedito José da Silva envolve fugas e busca por liberdade, tendo sido uma “criança liberta e depois reescravizada sob o nome de Francisco, em 1852” (Menezes; Barreto, 2022).

Em 1921, ingressou no Colégio Espírita Allan Kardec, onde estudou por apenas dois anos, essa interrupção aconteceu por conta da necessidade de mudar-se com a família para uma fazenda em Uberaba. Sua família estava sempre em migração em busca de melhores condições de vida. Entre 1923 e 1937, trabalhou como lavadora, cozinheira e empregada doméstica nos arredores de Minas Gerais e São Paulo (Barcello, 2015).

A morte de sua mãe, que ocorreu em 1937, fez com que Carolina Maria de Jesus migrasse definitivamente para a cidade de São Paulo com a expectativa de mudança socioeconômica, já que havia um contexto promissor na grande São Paulo. Aos 23 anos, estava sozinha na maior cidade do Brasil, teve que dormir na rua, e para garantir seu sustento trabalhou como auxiliar de enfermagem, faxineira, artista de circo e empregada doméstica. Quando havia oportunidade, conseguia passar um tempo nas bibliotecas particulares das casas onde trabalhava, preferindo obras com tema político e filosófico (Cassiano, 2021).

Como havia dificuldades de se manter nas casas, por causa das condições de trabalho impostas e pelo autoritarismo de seus patrões, mudou-se para a favela do

Canindé, à beira do Rio Tietê, em 1948. Nessa época, estava grávida de seu primeiro filho, João José de Jesus (1948-1977), fruto de um relacionamento com um marinheiro português que a abandonou. Anos depois, deu à luz os seus filhos, José Carlos de Jesus (1950-2016) e Vera Eunice de Jesus Lima (1953), filhos de homens que também eram estrangeiros e a abandonaram. No mesmo ano de 1950, seu poema foi publicado no jornal “O Defensor”, saudando Getúlio Vargas (Barcellos, 2015).

Carolina Maria de Jesus passava seus dias coletando papel, comida, roupas, alimentos e materiais recicláveis como forma de garantir seu sustento. Utilizava a escrita como escapatória da triste realidade e produzia poemas, romances, peças teatrais e canções, utilizando cadernos e páginas encontradas no lixo. Em 15 de julho de 1955 começou a registrar, em formato de diário, o cotidiano na favela (Instituto Moreira Salles, 2024).

Em 1958, Audálio Dantas (1929-2018), que foi escritor, poeta e jornalista brasileiro, estava na favela do Canindé para cobrir uma reportagem e se deparou com Carolina Maria de Jesus, que estava discutindo com seus vizinhos. Carolina Maria de Jesus o surpreendeu por conta de seus escritos. Dantas decidiu publicar alguns escritos ainda em 1958, no periódico “Folha da Noite”. Em 1959, alguns trechos também foram publicados na revista “O Cruzeiro” (Cassiano, 2021).

Fui ver o livro. E pela primeira vez entrei no barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé. E vi os cadernos do guarda-comida escuro de fumaça. Narrativa diária da vida de Carolina e da vida da comunidade-favela. Coisa bem contada, assim como aparece agora em letra de fôrma, sem tirar nem pôr. Eu vi eu senti. Ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria tôda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no sêco escrever. Foi por isso que eu disse assim para Carolina Maria de Jesus, lá mesmo, na horinha que lia trechos de seu diário: - Eu prometo que tudo isto que você escreveu sairá num livro." (Dantas, 1960, s/p).

A partir dessas publicações, Carolina Maria de Jesus começou a ter visibilidade na mídia, alcançando seu auge em agosto de 1960, quando o livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” foi lançado. A obra foi editada por Dantas, teve uma tiragem inicial de dez mil exemplares, atingindo a marca de cem mil livros vendidos no primeiro ano. Ainda em 1960, a autora se muda para os fundos de uma casa de um conhecido em Osasco. Após uma breve estadia, foi morar em um imóvel no bairro de Santana, na capital paulista. Para registrar sua

mudança da favela para casa de alvenaria, lançou sua segunda obra chamada “Casa de alvenaria: diário de uma ex -favelada” em 1961 (Troitinho, 202?).

A autora fazia muitas viagens pelo Brasil e por algumas partes da América Latina, em função de divulgar seus livros. Foi à Argentina, em 1961 (Leal, 2024), onde foi cortejada por Orden del Tornillo, e também foi reconhecida como “cidadã honorária” pela Academia de Letras de São Paulo. Nesse mesmo ano, lançou seu primeiro disco musical “Carolina Maria de Jesus: cantando suas composições<sup>1</sup>”, revelando uma veia artística diferente da que já tinha sido mostrada. Em 1963 lançou dois livros “Pedaços da fome” e “Provérbios”, mas não obteve sucesso.

Cerca de três anos depois, a autora e sua família deixam a Zona Norte de São Paulo e se mudam para um sítio em Parelheiros, periferia da Zona Sul da cidade. Em 1971, retornou à favela para participar de um documentário sobre sua vida, chamado “O despertar de um sonho”, produção alemã dirigida por Christa Gottmann-Elter (Instituto Moreira Salles, 2024). Em 1972, começou a produzir “Um Brasil para brasileiros”, uma autobiografia que foi editada e publicada após sua morte com o título “Diário de Bitita” (1986).

Em 1977, aos 62 anos, Carolina Maria de Jesus faleceu por conta de uma crise asmática. “Pobre e desassistida pela imprensa, teve seu sepultamento custeado pelos poucos amigos e vizinhos de que se dispunha em Parelheiros” (Cassiano, 2021, p. 503).

Carolina Maria de Jesus é um símbolo de resistência para a comunidade negra e, principalmente, para as mulheres negras. Seus escritos relataram uma vida de pobreza, dificuldades, fome e racismo. Carolina Maria de Jesus usou de sua arte para denunciar a vida sofrida que levou na favela. Seus relatos, por mais antigos que sejam, ainda é a realidade de muitas pessoas no Brasil.

Os diários de Carolina Maria de Jesus podem ser, assim, considerados testemunhos que borram as fronteiras da literariedade ao denunciarem uma outra experiência do sujeito do feminino, a partir das vivências e posições de enunciações da autora, a qual buscou – pelo conteúdo da narrativa e não por sua forma – simbolizar o que escapou e continua escapando aos olhares progressistas da modernização, ou seja, as fraturas expostas pela miséria ecológica, econômica, emocional e relacional, cruamente expostas na favela de Canindé (Magnabosco, 2002, p. 147).

---

<sup>1</sup> O disco pode ser ouvido a partir deste link:

<https://www.google.com/url?q=https://www.youtube.com/watch?v%3Dt3dzlAr4euo&sa=D&source=docs&ust=1764523111386472&usg=AOvVaw3wKzxU1tLoqxfORhXdqsZI>.

Lançado em agosto de 1960, pela Editora Francisco Alves, a obra obteve a tiragem inicial de dez mil exemplares, atingindo a marca de cem mil livros vendidos no primeiro ano. Além disso, a obra foi traduzida para treze idiomas e publicada em mais de quarenta países (Santos, 2024).

Entre 1955 e 1960, descreveu a fome, a violência, o racismo e a luta pela sobrevivência. O livro acumula esses seis anos de relatos em formato de diários. Quando Audálio Dantas os descobre, ajuda Carolina Maria de Jesus a publicá-los.

A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela (Dantas Jesus, 1960, s/p).

Para maior compreensão da grandeza da obra, alguns trechos serão citados diretamente como exemplos, para que seja possível a visualização da mensagem que Carolina Maria de Jesus transmitiu, bem como de sua atualidade, urgência e permanência.

Carolina Maria de Jesus conta em seu livro como utilizava a escrita como um refúgio da realidade. Sempre de maneira muito poética, relatava como a escrita auxiliava nos momentos mais difíceis, geralmente quando a fome era insuportável ou o trabalho do dia não era muito vantajoso.

[...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Jesus, 2014, p.58).

A autora também escreveu sobre como os políticos da época pouco se importavam com as pessoas que residiam nas periferias. Existem inúmeras passagens no livro que mostram como Carolina Maria de Jesus era politizada e estava sempre atenta ao que acontecia na política.

[...] mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui a Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo ( Jesus, 2014, p.45).

Nesse trecho, de acordo com Santos *et al.* (2024), Carolina Maria de Jesus deixa clara a importância de ser uma pessoa integrada na política e também a denúncia de como a escolha dos políticos é importante para a sociedade, ainda mais

para aqueles que mais carecem. É importante ressaltar o contexto político da época, entre 1946 e 1964 os presidentes foram Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart.

A autora relata seu dia a dia, fala sobre o seu trabalho de catadora e como isso era cansativo. Todos os dias acordava cedo e deixava seu barracão para coletar papel ou ferro, na esperança de receber um valor significativo para conseguir comprar algo para comer, “[...] As segundas-feiras eu não gosto de perder. Saio cedo porque encontra-se muitas coisas no lixo. Saí com a Vera. Eu tenho tanto dó da minha filha!” (Jesus, 2014, p.113). E muitas vezes Carolina Maria de Jesus se frustrava com o valor baixo que conseguia adquirir “[...] De manhã estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer” (Jesus, 2014, p.49).

Viveu uma vida rodeada de insegurança alimentar, a fome é um dos temas principais de seu livro. Seus relatos de fome são fortes e tristes, a autora não fala apenas de sua fome, mas também da fome de seus filhos e de outras pessoas que moravam no Canindé. Carolina Maria de Jesus relata: “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em me suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome” (Jesus, 2014, p.99).

Ela conseguia se alimentar do dinheiro da coleta de papéis e ferros, algumas doações de alimentos, e algumas vezes de alimentos que encontrava no lixo. A autora trouxe um tema delicado em seus escritos, até revelou a cor da fome: amarela. Trata-se de um tema que, apesar dos dados serem mais otimistas a partir das últimas eleições federais, ainda continua sendo uma realidade no Brasil, atingindo mais de dois milhões de pessoas. Para ilustrar o mapa da fome, em números absolutos, “14,7 milhões [de pessoas] deixaram de passar fome no país. A insegurança alimentar severa, que afligia 17,2 milhões de brasileiros em 2022, caiu para 2,5 milhões. Percentualmente, a queda foi de 8% para 1,2% da população” (Brasil, 2024).

Carolina Maria de Jesus também relatava sobre os diversos casos de racismo que sofreu, “[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta” (Jesus, 2014, p. 64). O racismo fazia parte da vida da autora desde sempre, como foi visto na seção sobre Carolina Maria de

Jesus, seu avô materno foi escravizado. Mas Carolina sentia orgulho da sua pele, e sempre deixou isso registrado em seu livro:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado [educado] do que o cabelo branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações [reencarnações], eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2014, p. 64).

Após levantar e analisar alguns trechos do livro, é possível afirmar a importância da obra atualmente. Carolina Maria de Jesus escreve sua vida e de tantos outros; suas palavras desnudam o Brasil dos brasileiros. Ela não deixou, fez questão de expor tudo o que via e vivia. Sua obra requer visitas constantes, para que não se deixe esquecer as injustiças arbitrariamente impostas, pelas vias do racismo e do controle patriarcal.

#### **4 Marcadores Sociais da diferença e Relações de Poder**

O conceito de “marcadores sociais da diferença” foi cunhado na década de 1980 e consolidou-se, como lente conceitual válida no ambiente acadêmico, nos anos de 1990 (Melo; Malfitano; Lopes, 2020). Esse conceito busca evidenciar que distinções sociais como gênero, raça, classe, etnia, idade, sexualidade, nacionalidade, regionalidade etc. atuam como uma forma de marcação coletiva dos indivíduos, produzindo e reproduzindo desigualdades e estereótipos.

Outro ponto de importante destaque é que os indivíduos, na medida em que são integrados ao mundo social a partir de seus marcadores sociais, constituem-se enquanto sujeitos a partir dos discursos, violências e desigualdades que tais marcadores proporcionam. Em outras palavras, é importante mencionar que os sujeitos se produzem a partir de tais marcadores (Melo, Malfitano e Lopes, 2020). Desta forma, entende-se os marcadores sociais como categorias ambivalentes, capazes de regular e auto classificar os sujeitos a partir daquilo que cada marcador social suscita em determinados contextos, de maneira a produzir situações discriminatórias e preconceituosas. É importante destacar que os marcadores sociais também podem ser articulados e analisados de forma interseccional, de forma a interconectar as relações de poder que tais sujeitos sofrem a partir de uma diversidade de marcadores sociais que carregam consigo (Duarte et al, 2023).

A partir de tais perspectivas, compreende-se que muitas pessoas estão sujeitas a possuírem um acúmulo de marcadores sociais de diferença, o que acaba por, invariavelmente, aprofundar as desigualdades, violências e relações de poder em que vivem.

Na medida em que os marcadores sociais da diferença são acumulados, se entrelaçam, é necessário tratar aquele sujeito a partir do conceito de interseccionalidade. Em poucas palavras, já que não é o intuito desta seção, a noção de interseccionalidade prevê a necessidade de se tratar os sujeitos a partir do entrelaçamento de suas distinções sociais; trata-se de constatar que os marcadores sociais não agem isoladamente sobre os indivíduos, mas de forma interconectada, ampliando as vivências da diferença. Ainda é importante relatar que o debate interseccional é fruto direto das lutas e pesquisas das feministas negras, como Angela Davis, Patricia Hill Collins e Kimberlé Crenshaw. Trata-se de uma chave

teórica que permite a compreensão das violências sofridas pelas pessoas que interseccionam marcadores sociais, sobretudo, as mulheres negras (Henning, 2015).

Em suma, compreende-se a noção de marcadores sociais a partir do entendimento de que estes produzem e reproduzem desigualdades, além de constituir os indivíduos como sujeitos. A noção de interseccionalidade avança no debate na medida em que compreende o entrelaçamento entre tais marcadores, onde o fenómeno interseccional é capaz de aprofundar as desigualdades vivenciadas.

A noção de relações de poder não se constitui exatamente como um conceito na obra foucaultiana, estando mais para um efeito que perpassa inúmeros conceitos e concepções, tais como: disciplina; castigo; antipsiquiatria; antiguidade; discurso; dominação; estratégia; *éthos*; exame; experiência; genealogia; guerra; liberdade; luta; poder; psicanálise; psiquiatria; resistência; revolução; sexualidade; soberania; técnica; tecnologia e território (Castro, 2024). Dessa forma é possível compreender que, por mais que não se trate de um conceito, categorizado e estruturado, a noção de relações de poder está presente em praticamente todos os conceitos e em toda a literatura foucaultiana. Da mesma forma, não cabe aqui discutir como essa noção está presente em cada conceito específico, sendo o tópico principal desta seção a apresentação de noções gerais sobre “relações de poder”.

Nesta seção será explorado como se constituem as relações de poder que perpassam os sujeitos e as instituições, alicerçadas no dispositivo do saber-poder. Para tanto, parte-se da analítica do poder foucaultiana. Entende-se que Michel Foucault não desenvolveu uma teoria do poder, mas antes, uma “história filosófica ou crítica do poder, que busca mostrar, por um lado, a especificidade das diferentes relações de poder [...]” (Castro, 2024, p. 348).

É importante demonstrar que, a concepção foucaultiana de poder difere em muito da teoria clássica hobbesiana do poder. Por um lado, em Hobbes, o poder se configura como uma posse que, num jogo de soma zero, exerce restrição aos sujeitos sendo, desta forma, uma categoria negativa. Outro ponto fundamental na teoria clássica do poder é que ele deriva exclusivamente do Estado. Por outro lado, em Foucault, o poder ao invés de algo que se possui ou não, se configura como uma espécie de “fluido”, que perpassa as relações sociais. O poder não é algo que vem de cima para baixo, diretamente do Estado; é antes algo que transpassa o interior de

cada relação, constituindo-nos enquanto sujeitos. É nessa medida que o poder seria algo “positivo”, no sentido em que produz os sujeitos, as instituições, o saber etc. Não se trata de uma categoria puramente repressiva, ao contrário, ele deve ser visto como “uma realidade positiva, quer dizer, como fabricante ou produtor de individualidade” (Castro, 2024, p. 325).

Esse poder que age diretamente nas relações sociais se constitui a partir do dispositivo do saber-poder. Saber e poder são duas categorias que agem de forma conjunta, através do discurso, para constituir a verdade e impô-la sobre os indivíduos. Em outras palavras, o louco e a loucura, por exemplo, nascem do saber psiquiátrico, é uma invenção deste. A psiquiatria se configura, dessa forma, como a imposição da verdade da loucura sob o louco, de forma a incluí-lo em suas instituições disciplinares e de controle (Foucault, 1978). O saber-poder está presente em cada uma das instituições disciplinares, e é constituído por discursos da verdade e técnicas de normalização (poder) e táticas de aquisição de conhecimento (saber) sobre os sujeitos. Dessa forma, “nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registros, de acumulação que é uma forma de poder vinculada a outras formas de poder e, por outro lado, nenhum poder funciona sem apropriar-se de formas de saber” (Castro, 2024, p. 339).

Um importante elemento a ser destacado é que o corpo posiciona-se como o receptáculo do dispositivo do saber-poder e de suas relações de poder. Seja no âmbito da sexualidade, onde as relações de poder articulam-se pelo dispositivo disciplinar e pelo dispositivo biopolítico; seja pela psicanálise ou pela psiquiatria, o corpo

encontra-se imerso em um campo político. As relações de poder operam sobre ele: suplicam-no, marcam-no, constroem-no ao trabalho, obrigam-no a certas cerimônias, exigem dele certos signos. Trata-se, em definitivo, de toda uma estratégia de sujeição (Castro, 2024, p. 71).

O corpo, desta maneira, é tanto o objeto das relações de poder como o seu produto. O corpo é alvo de táticas e tecnologias de saber e de poder, que acometem-no a partir das relações de poder vividas, sejam elas na fábrica, no manicômio, na escola, no hospital, no confessionário etc. As relações de poder, a partir do saber-poder e de seus discursos, objetivam o controle dos corpos, procuram normalizá-los, discipliná-los. Desse modo, “o corpo aparece como uma realidade histórica na qual se articulam os efeitos de certo tipo de poder e certas

formas de saber. Através deles, a alma se converteu no cárcere do corpo” (Castro, 2024, p. 71).

Em suma, é possível compreender que as relações de poder são produtos do dispositivo do saber-poder, que se constitui a partir de discursos, e que constroem a verdade e aplicam-na sob os corpos, produzindo os próprios sujeitos a partir das relações de poder que o normalizam, o controlam.

Há, por fim, um ponto que não pode ser deixado de lado. O poder produz os sujeitos, sim, mas estes também se produzem na medida em que resistem às relações de poder. As relações de poder caracterizam-se como

modos de ação complexos sobre a ação dos outros, (onde) Foucault inclui na sua descrição a liberdade, na medida em que o poder não se exerce senão sobre sujeitos - individuais ou coletivos - ‘que tem diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas [...] podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas’. A análise foucaultiana destrói, portanto, a ideia de um paradoxo/contradição entre o poder e a liberdade: é precisamente tornando-os indissociáveis que Foucault pode reconhecer no poder um papel não somente repressivo, mas produtivo [efeitos de verdade, de subjetividade, de lutas], e que ele pode, inversamente, enraizar os fenômenos de resistência no próprio interior do poder que eles buscam contestar, e não num improvável ‘exterior’ (Revel, 2005, p. 68).

A famosa frase, “onde há poder há resistência”, atribuída à Michel Foucault, é capaz de resumir a citação acima. As relações de poder não se constituem enquanto espaço hermético, de extrema dominação, em que os sujeitos não possuem um átomo de liberdade e de autonomia. As relações de poder, assim como a produção da verdade a partir dos enunciados do discurso, acontecem justamente na disputa pelo corpo e alma dos sujeitos. O corpo, além de tudo, é o palco político dessa disputa, que resiste em ceder sua liberdade aos tentáculos do dispositivo do saber-poder.

## 5 Gêneros textuais e literários

Nesta seção serão abordadas as definições de gêneros textuais e literários, para haver um embasamento teórico para a análise dos gêneros utilizados pelas bibliotecas para representar, a partir dos indexadores e notações de classificação, a obra “Quarto de Despejo”. Dessa forma, as subseções que se seguem são os gêneros literários que foram utilizados pelas bibliotecas para representar a obra. Assim, procura-se, primeiramente, enquadrar os referidos gêneros para, na seção de resultados, discutir como a obra foi entendida e representada pelas unidades informacionais pesquisadas.

No primeiro momento, é necessário situar as noções de gênero textuais e gêneros literários. Entende-se que os gêneros textuais são a forma de classificação mais geral e global das produções textuais, sejam elas verbais ou não. Alguns desses são o gênero narrativo, o argumentativo, o instrutivo e o descritivo. Eles se distinguem por suas características de estrutura, linguagem, função e contexto de produção, sendo, as principais dessas diferenciações, a função do texto e a linguagem adotada (formal ou informal).

Já os gêneros literários são uma classificação mais específica, que buscam organizar as produções textuais artísticas e literárias. Os gêneros literários estão sob o grande guarda-chuva dos gêneros textuais. O seguinte exemplo visa esclarecer a distinção entre as duas formas de classificação: o romance é um gênero literário presente no gênero textual narrativo, no qual se encontram outros gêneros não literários, como notícias e reportagens; isso acontece porque, por mais que os textos se diferenciem totalmente em conteúdo, ambos possuem como principal característica a forma narrativa.

Para pensar sobre o conceito de gênero, já no âmbito da literatura, Lopes (2010) define-os como uma codificação de propriedades do discurso, tanto semânticas, pragmáticas e/ou verbais presentes em determinado texto. Dessa forma, entende-se que os gêneros servem para classificar as produções literárias a partir de suas propriedades de forma e/ou conteúdo. Assim, “a teoria dos gêneros é um princípio ordenador: classifica a literatura e a história literária não em função da época e do lugar, mas sim de tipos especificamente literários de organização ou estrutura” (Wellek; Warren, 1983, p. 282).

Entende-se que os gêneros servem para criar categorias e classificações que agrupam obras literárias com características semelhantes, sejam elas de forma ou de conteúdo. É preciso pontuar, contudo, que os gêneros literários não são categorias estáticas e herméticas, havendo sempre o constante diálogo entre os mesmos. Dessa forma, “um novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação” (Todorov, 1978, p. 48).

Nesse sentido, as subseções que seguem tratam de alguns gêneros literários em específico, que variam também entre os gêneros textuais, sobretudo entre o narrativo e o descritivo. A escolha dos gêneros literários a serem trabalhados nas subseções a seguir foi feita a partir da forma como a obra “Quarto de despejo” foi representada nas bibliotecas analisadas. A organização das subseções buscou aproximar aqueles gêneros que se assemelham, de forma que estes possam dialogar entre si.

## **5.1 Diário**

Por diário, entende-se um texto que pode assumir uma escrita, principalmente, descritiva, ou então, narrativa, mas que, no geral, restringe-se ao íntimo e ao privado, de forma a não possuir um interlocutor. Outra característica importante do gênero diário é a clara marcação temporal (dia, mês e ano), que antecede o escrito em si. Tais textos buscam narrar ou descrever os acontecimentos do dia, o que resulta no constante e alternado uso dos tempos verbais do passado e do presente (Reis, 2012).

Por se tratar de uma forma textual que abriga o íntimo, o uso da primeira pessoa do singular é também característico do gênero diário (Valles, 2018). A motivação da escrita de um diário pode variar muito; trata-se de um gênero que comporta uma grande variedade de relatos, sejam eles com objetivos de denúncia e/ou testemunhos, como os diários escritos por perseguidos da Alemanha nazista; ou então, diários cotidianos, que levam os sujeitos a processarem seus dias. No geral, o diário contribui para a “construção do eu na sua relação com o tempo e perante um contexto sócio-histórico” (Valles, 2018, p. 17).

Por fim, há, ainda, um elemento de grande importância no relato dos acontecimentos no diário. Na forma do diário de crônica, os acontecimentos são

descritos ou narrados um após o outro, isto é, são comentados em sua mera ordenação cronológica. O diário pode, ainda, assumir a forma de estória, onde os acontecimentos são descritos ou narrados a partir de uma relação causal. Isto é, “na crônica, os eventos acontecem meramente ‘um após o outro’; na estória, eles acontecem ‘um por causa do outro’” (Costa, 2013, p. 56).

Em suma, o diário se caracteriza como um texto privado, sem interlocutor determinado, que é escrito na primeira pessoa do singular e nos tempos verbais do presente e do passado. Ele diferencia-se por sua proximidade temporal dos acontecimentos descritos. Trata-se de um gênero literário que possui diversas formas de expressão, mas que, normalmente, restringe-se às referidas características.

## 5.2 Biografia

O gênero biográfico, por sua vez, possui como principal diferença, em relação ao diário, a distância temporal de relato dos acontecimentos. Enquanto no diário o ocorrido é relatado quase que imediatamente, na biografia agrupa-se uma série de acontecimentos marcantes que transcorrem a vida do sujeito biografado (Valles, 2018).

A etimologia da palavra “biografia” vem da junção dos termos gregos *bios* (vida) + *graphein* (escrever, escrita). Trata-se de uma tentativa de grafar toda a vida daquela pessoa. O uso da narrativa é também mais comum, enquanto no diário o que mais se percebe é o tipo textual descritivo. Outra característica é que a biografia possui um interlocutor determinado, sendo um texto de caráter público, e não privado, como é o diário (Carino, 1999).

A biografia surgiu no século XIX, com um modelo de fazer história com o objetivo de enaltecer a pessoa biografada. Geralmente, as pessoas que eram contempladas com suas biografias eram reis, príncipes, senadores e governantes, resultando em apreciação de suas histórias (Schwarcz, 2014).

O texto biográfico situa-se num lugar privilegiado, capaz de colocar em diálogo a vida privada e a vida pública dos sujeitos, sempre inscrevendo-os em seu contexto histórico-social. Desta forma, “a biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária” (Carvalho, 2003, p. 284). Apesar das principais

características básicas do gênero biográfico, pode-se ressaltar que é: “uma narração, real ou fictícia, da história da vida de uma pessoa ou de várias pessoas” (Carvalho, 2025, p. 3). Suas características também apresentam cronologia, contexto histórico, culturais, sociais, entre outros.

Vale ressaltar também que o que alicerça a escrita da biografia é a “materialidade aos rastros conservados e reanimados por enriquecimento de episódios inéditos, formados através da imaginação própria ou de narração de pessoas próximas ao (auto) biografado” (Contiero, 2022, p. 4). Desse modo, a biografia não é exata ao que se refere a veracidade dos fatos reais, pode ser uma representação do real, uma aproximação da realidade.

Portanto, a biografia se caracteriza como gênero textual narrativo, com o uso de verbos no passado, marcadores temporais para situar o leitor no tempo, com escrita na terceira pessoa por um narrador externo. Tem como objetivo narrar eventos marcantes, sucessos, fracassos e o contexto social da vida de alguém, sendo possível haver fatos que fogem da realidade.

### **5.3 Relato pessoal**

O relato pessoal é um gênero textual que se aproxima do diário por apresentarem semelhanças estruturais e conceituais. Ambos são textos predominantemente narrativos, escritos em primeira pessoa e que tratam de experiências pessoais daquele que escreve. No entanto, o relato pessoal é um texto dedicado a outra pessoa, enquanto o diário tem caráter confidencial. Algumas outras características desse gênero o configuram como “uma narrativa não ficcional, de natureza subjetiva, tem como finalidade o relato, oral ou escrito, de experiências vivenciadas, situadas, predominantemente, no tempo da memória (passado)” (Fontenele e Neto, 2018 p.174).

Além disso, o diário pode trazer múltiplas vivências. Já o relato pessoal é dedicado a uma única experiência, que pode ser uma viagem, uma notícia lida etc. A linguagem do relato é formal justamente por ser solicitada em instituições escolares e acadêmicas. Por sua vez, o diário é escrito de maneira informal e de acordo com o que seu autor define, pois ele será o seu principal leitor (Fernandes, 2023).

O relato também pode ser considerado um gênero que vai além do campo discursivo narrativo. Ele tem a flexibilidade de ser narrado, como a ação de contar

acontecimentos vividos por pessoas reais e experiências vividas, englobando uma heterogeneidade de temas. Assim sendo, há uma integração entre o relato e outros gêneros, como a notícia que serve para exemplificar ou argumentar (Rocha, 2021).

Sendo assim, o relato pessoal é um gênero narrativo, escrito em primeira pessoa, que conta experiências individuais que foram vividas. É um gênero que se aproxima bastante da definição de diário, mas se difere por ser um texto que aguarda um leitor, sua forma de escrita também é um diferencial, já que o relato é escrito de maneira um pouco mais formal, e algumas vezes pode ser compartilhado de maneira oral.

#### **5.4 Novela**

A novela é um texto narrativo de tamanho médio entre o conto e romance, contém espaço, tempo, enredo, narrador e personagens. É um texto escrito em prosa e pode ser monofônica, polifônica, aberta, fechada, linear, vertical e/ou psicológica. Contudo, devido à sua extensão, não apresenta o mesmo detalhamento do romance. Esse gênero tem como característica principal a criação de um universo imaginário, sendo ficcional, embora possa ser inspirado na realidade (Luiz *et al.*, 2019).

Segundo Oliveira (2017), a etimologia da palavra novela nasceu no latim *novellus*, esse adjetivo passou a significar gracejos e os sentidos de enredo e narrativa enovelada. Na língua portuguesa, a palavra novela teve origem do italiano *novella*, significando comunicação, notícia e novidade (Oliveira, 2017).

Logo no início, esse gênero tinha um papel fundamental de diversão e entretenimento, por meio de relato de aventuras e acontecimentos heroicos. Até que surgem as versões em prosa e alcança sua maturidade com as novelas de cavalaria, na Idade Média, e no Renascimento nascem as novelas sentimentais. No final do século XVIII, a novela começa assumir sua identidade moderna, e a partir dos românticos alemães a novela começa ter as características que são conhecidas atualmente (Massaro, 2016).

Sendo assim, entende-se que novela é um texto narrativo, com espaço, tempo, enredo, narrador e personagem. Tem tamanho intermediário, e está entre o conto e o romance.

## 5.5 Conto

Dentre os gêneros literários que se apoiam na narrativa, o conto se configura como o de menor extensão. No conto, não há espaço e tempo para uma grande quantidade de acontecimentos, personagens e lugares. Toda a narrativa do conto desenvolve-se em torno de uma ação em particular, que acontece no tempo presente, e todos os personagens do conto estão diretamente envolvidos com essa ação. Ainda a despeito da temporalidade, o conto não se ocupa de narrar o que antecede e o que sucede o acontecimento central (Silva, 2020). A despeito do narrador, ele pode ser um narrador observador, um narrador onisciente ou o narrador em primeira pessoa.

Sendo um texto de curta extensão, a escolha de cada palavra é fundamental para a criação do clímax narrativo, que prepara o leitor para um desfecho impactante. Dessa forma, a objetividade é elemento central na redação de um conto, que acaba por não privilegiar densas descrições e contextualizações. O que acaba por ser denso no conto é o conteúdo, sempre capaz de nos revelar reflexões profundas sobre a realidade onde o conto se passa, em um espaço tão curto (Piglia, 2000).

Por mais que o conto possua suas características formais, capazes de defini-lo enquanto gênero, tais como a brevidade da narrativa, o uso do tempo presente e a interconexão de poucos personagens a uma ação, o que o define é a intensidade dos acontecimentos narrados, o desfecho condensado e que carregará o leitor por dias seguidos (Goulart, 2003).

## 5.6 Romance

O romance em sua forma moderna, tal como o conhecemos atualmente, pode ser datado no século XVIII. Seu surgimento causou inquietação, sobretudo nos teóricos e críticos literários, por não contemplar os tratados clássicos de retórica e poética, ficando às margens das reflexões literárias, ao mesmo tempo em que ganhava espaço no público mais amplo e menos letrado. A novidade do gênero causava uma dificuldade na classificação interna por parte dos críticos, que acabavam por aproximá-lo a outros gêneros literários, como a epopeia, a comédia e a própria novela (Abreu, 2008).

Entende-se, dessa forma, que o romance consagrou-se como gênero literário no decorrer do século XVIII, a partir de aproximações e distanciamentos feitos com outros gêneros consagrados. Contudo, pontua-se o romance como um gênero de ainda difícil enquadramento por conta de seu inacabamento. Trata-se de um gênero ainda recente e que ainda não está “calcificado” (Pereira, 2021). Por se tratar de um gênero que trata diretamente, de forma literária, a realidade a qual se propõe a refletir, o romance encontra-se numa complexa e inacabável reflexão de si e da realidade que o circunscreve.

Embora seja um gênero ainda em formação, ele possui algumas características notáveis. Primeiramente, enquanto gênero literário, o romance enquadra-se no gênero textual narrativo, onde coexistem diversos planos narrativos. Nota-se, também, textos com “enredo dinâmico, uso de personagens mais humanas em sua complexidade, que assinalam um processo evolutivo voltado para a representatividade do mundo contemporâneo” (Pereira, 2021, p. 68). São ainda traços característicos do romance o plurilinguismo, a orientação para o tempo presente e a apropriação de elementos de outros gêneros (Pereira, 2021). Esses elementos representam o romance como um gênero literário que traz consigo uma

diversidade social de linguagens que admite introduzir na sua composição diferentes gêneros literários e extraliterários. O romancista pode, então, recorrer a todo o tipo de linguagem para orquestrar os seus temas, refletir suas ideias e julgamentos de valor. O aprofundamento das diferentes vozes também permite ao escritor construir um estilo próprio, mantendo a unidade da sua personalidade e impedindo que a linguagem se torne um meio neutro (Hülsedeger, 2019, p. 3).

Em resumo, o romance, enquanto gênero literário, encontra-se num espectro muito amplo e de difícil precisão, tratando-se de uma forma literária que permeia diversas linguagens e gêneros, apropriando-se de uma rica e complexa gama de elementos linguísticos e textuais. Ainda assim, posiciona-se como um gênero com características básicas, como a narrativa, a orientação para o presente, a existência de múltiplos personagens que perpassam a longa trama do romance.

## 5.7 Ficção

A ficção não se enquadra propriamente como um gênero literário ou textual, pois sua definição diz respeito ao conteúdo do texto, e não à sua forma e estrutura. Um texto ficcional pode ser um conto, um romance, uma novela, um drama, uma comédia etc. O que define a ficção é a premissa de que o conteúdo do texto não é

de todo real, mas inventado. Um regresso à etimologia da palavra pode ser útil para a compreensão do texto ficcional. De acordo com Bastos (1912, p. 556), ficção é o “acto de fingir; simulação; fábula; invenção; coisa imaginária. (Do latim *fictio*)”.

Apesar de a ficção não corresponder diretamente ao real, ao verdadeiro, seria incorreto dizer que o ficcional é necessariamente falso. Existem tensões entre o ficcional e o real, que os aproximam em muitos momentos, uma vez que o ficcional pode ser uma forma inventada de se contar algo que de fato aconteceu.

podemos afirmar que a verdade não é necessariamente o contrário da ficção e que, quando optamos pela prática da ficção, não o fazemos com o propósito turvo de tergiversar a verdade. Quanto à dependência hierárquica entre verdade e ficção, segundo a qual a primeira possuiria uma positividade maior que a segunda, desde já, no plano que nos interessa, é uma mera fantasia moral (Saer, 2012, p. 321).

Dessa forma, o texto ficcional pode possuir elementos verdadeiros, assim como textos que não se pretendem ficcionais, podem possuir ficcionalizações. Todo e qualquer gênero literário pode produzir tensões com a ficção, independentemente de suas formas textuais, do uso dos tempos verbais, da construção e complexidade das personagens e dos espaços onde a história acontece. A ficção não se enquadra como gênero, mas como forma de se tensionar o real e o imaginado.

## 6 Sobre os termos de indexação

Nesta seção serão apresentados e analisados os termos de indexação coletados. As subseções estão divididas em continentes, e a análise será feita a partir do referencial teórico, com auxílio de gráficos.

### 6.1 Continente americano

O primeiro continente analisado foi a América, onde foram recuperadas nove bibliotecas, nos seguintes países: Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Estados Unidos, México e Panamá.

No que se refere à quantidade de termos recuperados, na Biblioteca Bernardino Rivadavia, na Argentina, foram recuperados dois termos: **‘Literatura portuguesa’** e **‘Novelas portuguesas’**. Nesse caso, os descritores estão sendo usados para representar a tipologia do texto, na tentativa de definir o livro como literatura ou uma novela. Também é utilizada a localização geográfica, na tentativa de especificar seu lugar de origem.

No que se refere à Biblioteca *North York Central Library*, no Canadá, foram recuperados três termos, sendo dois cabeçalhos de assunto. **‘Jesus, Carolina Maria de’**; **‘Pobres--Brasil--São Paulo’**; **‘São Paulo (Brasil)--Condições Sociais’**. Nesse caso, os termos são utilizados para representar a autoria da obra, a localidade e a condição social desse espaço.

A Biblioteca *Toronto Reference Library*, também no Canadá, repete os termos da biblioteca anterior.

Na Biblioteca Nacional do Chile, foram recuperados quatro termos, sendo um cabeçalho de assunto : **‘Mulheres -- Brasil -- Relatos pessoais’**, **‘Mulheres negras’**, **‘Relatos pessoais’** e **‘Gênero’**. Nesse caso, as palavras-chave estão sendo usadas para representar gênero, raça, tipologia do texto e seu lugar de origem.

Sobre a biblioteca da Colômbia, Sistemas de Bibliotecas Universitárias de Los Andes, foram recuperados dez termos: **‘Autoras brasileiras’**, **‘Século XX’**, **‘Biografias, Pobreza’**, **‘São Paulo (Brasil)’**, **‘Relatos pessoais’**, **‘Negros’**, **‘Condições sociais’**, **‘Relatos pessoais e Contos brasileiros’**. Nessa unidade, as palavras-chave mais utilizadas, representam o assunto do texto, a tipologia e a

localização geográfica. Há também breves indícios sobre raça, gênero e um período de tempo.

Na *Los Angeles Public Library*, biblioteca localizada nos Estados Unidos, foram recuperados cinco termos: **‘Pobres’**; **‘Brasil’**; **‘São Paulo’**; **‘São Paulo (Brasil)’**; **‘Condições sociais’**. Nesse caso, as palavras-chave são utilizadas para representar a localização e as condições sociais do ambiente da obra. Desse modo, são representações bastante parecidas com as das bibliotecas do Canadá.

No que se refere a *New York University Libraries*, dos Estados Unidos, foram recuperados doze termos, sendo nove cabeçalhos de assunto : **‘São Paulo (Brasil) – Condições Sociais’**; **‘Pobres -- Brasil -- São Paulo’**; **‘Jesus, Carolina Maria de’**; **‘Pobres; Condições Sociais’**; **‘Brasil -- São Paulo; Cidades e Vilas-- Brasil’**; **‘Pobreza -- Brasil’**; **‘Condições Sociais -- Brasil’**; **‘Brasil -- Estados do Sul’**; **‘Pobres -- Brasil -- São Paulo’**; **‘Biografia’**. Nesse caso, as palavras-chave são utilizadas para representar a localização, condição social do ambiente da obra, autoria da obra, e apenas um termo para a tipologia do texto.

Na biblioteca Daniel Cosío Villegas, localizada no México, foram recuperados quatro termos, sendo três cabeçalhos de assunto: **‘Jesus, Carolina Maria de’**, **‘Pobres -- Brasil -- São Paulo’**, **‘Pobreza -- Brasil -- São Paulo’**, **‘São Paulo (Brasil) -- Condições Sociais’**. Nessa unidade, as palavras-chave estão sendo usadas para representar apenas o assunto sobre pobreza e para representar o assunto com relação ao Brasil e São Paulo. Pela primeira vez na América Latina, nesse conjunto de dados, o nome de Carolina Maria de Jesus é citado como termo.

Por fim, na Biblioteca Interamericana Simón, localizada no Panamá, foram recuperados dois termos: **‘Jesus, Carolina Maria de’** e **‘Diário Íntimo’**. Nessa situação, as palavras-chave estão sendo utilizadas para representar a tipologia do texto e a autoria da obra.

Para obter resultados que englobam todos os países, encontra-se na sequência o Gráfico 1, que agrupa todos os termos coletados referentes à América. Alguns termos foram contabilizados juntos, uma vez que são sinônimos, ou ao menos, indicam um significado muito próximo. Um claro exemplo dessa situação é o caso de “Pobreza” e “Pobres”, que são palavras que dão o mesmo sentido à obra. O próximo gráfico também segue essa lógica de unir termos que são semelhantes.

Para maior efeito de análise, será apresentado um gráfico de pizza com os dados coletados. O Gráfico 1 demonstra as porcentagens e valores de cada termo. Os termos que mais aparecem são “Brasil” e “São Paulo” contabilizados quatorze vezes cada, de modo que cada um deles representa 20,6% do total dos termos. Outro termo que aparece bastante é “Pobreza e Pobres”, contabilizando dez ocorrências, representando 14,7% do total dos termos.

Em seguida, o termo “Condições Sociais” contabiliza oito ocorrências, representando 11,8% dos termos. Adiante, o termo “Jesus, Carolina Maria de” contabiliza seis ocorrências, representando 8,8% do total dos termos.

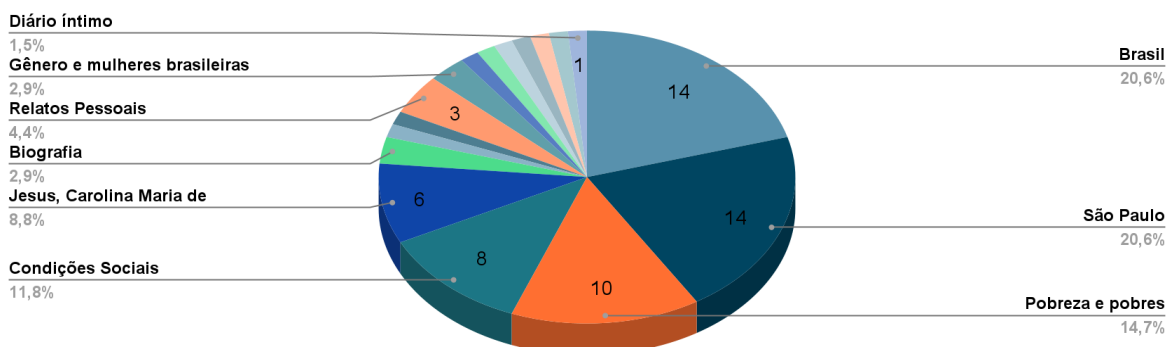
Sobre os termos que retratam os gêneros textuais e literários, o termo “Biografia” contabiliza duas ocorrências, representando 2,9%; o termo “Relatos Pessoais” contabiliza três ocorrências, representando 4,4%; o termo “Diário Íntimo” contabiliza uma ocorrência, representando 1,5% do total dos termos; “Contos Brasileiros” apareceram apenas uma vez, contabilizando 1,5% do total dos termos.

Sobre os termos que retratam o assunto gênero, o termo “Gênero e Mulheres Brasileiras” contabiliza duas ocorrências, representando 3% do total dos termos; “Autoras Brasileiras” que aparece uma vez, contabilizando 1,5% do total dos termos. Por fim, os termos “Negros”, “Literatura Portuguesa”, “Século XX”, “Novelas Portuguesas” aparecem apenas uma vez cada, contabilizando 1,5% total dos termos.

Gráfico 1 - Termos coletados nas bibliotecas da América

#### Dados dos termos de indexação coletados na América

Porcentagens e valores



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Nota-se que os termos indexadores fazem referência a localidade onde se desenrola a narrativa da obra em 41,2% das vezes. Para chegar a esse resultado, foram contabilizados os termos referentes ao Brasil e à cidade de São Paulo.

Por meio do Gráfico 1 constata-se a baixa quantidade de ocorrência de termos que façam referência às questões de gênero. Termos como **‘Mulheres Brasileiras’**, **‘Autoras Brasileiras’** e **‘Gênero’**, somados, representam somente 4,4% do total. Além disso, em nenhum momento associou-se às questões de gênero o debate sobre raça, de forma que é possível entender que a representação da obra não é vista a partir do acúmulo de marcadores sociais da diferença, algo que está presente de modo explícito no “Quarto de Despejo”.

Conclui-se, dessa forma, que as bibliotecas identificadas para a produção da análise, localizadas no continente americano, reduzem a obra à localidade de sua produção e às condições sociais de pobreza relatadas nela, além de representá-la como uma produção biográfica.

A sub-representação da obra, principalmente nos países do continente que compõem o norte global, traduz-se como reflexo de relações coloniais de poder entre o norte e o sul global. Em países como Canadá e Estados Unidos não houve qualquer tipo de referência às questões raciais e de gênero. As bibliotecas desses países ocuparam-se de representar a obra a partir da localidade em 48,9% dos casos, e em 28,9% das vezes tratam da obra a partir de termos como **“Condições sociais”** e **“Pobreza”**.

Esses dados manifestam não apenas como tais países enxergam a obra de Carolina Maria de Jesus, mas também, por extensão, como observam o Brasil. Isso se torna problemático na medida em que 1) tais países possuem grande influência global sobre a constituição dos discursos da verdade, e 2) os sistemas de classificação e representação são importantes elementos para a constituição de conhecimentos e saberes.

Levando em consideração o referencial teórico, sobretudo as seções sobre relações de poder e de marcadores sociais da diferença, compreende-se que tal forma de representação, além de constituir discursos e saberes, articula-se como forma de exercício de poder. O resultado desse exercício de poder é justamente a reprodução de estereótipos e manutenção dos marcadores sociais da diferença,

ignorados e reduzidos ao marcador econômico. Entende-se que a própria redução da vida e obra de uma mulher tão significativa para a literatura brasileira, apresenta-se como um exercício do poder, uma vez que está se enquadrando, a partir do conhecimento, toda uma história de vida.

A partir da noção de interseccionalidade é possível compreender que, reduzir “Quarto de despejo” à pobreza, significa ignorar que os relatos de Carolina Maria de Jesus acontecem porque, além de pobre, ela é uma mulher negra e mãe solo. A forma como os indexadores representam a obra não dá conta de toda sua complexidade social, sendo uma triste redução da experiência de vida de uma mulher negra que conseguiu, a partir da escrita, quebrar barreiras impostas por seus marcadores sociais da diferença.

Outro elemento problemático na forma como a obra está representada diz respeito ao entendimento de que a obra seria uma biografia. O referencial teórico traz a definição de biografia a partir dos autores Valles (2018), Carvalho (2025), Carino (1999), Schwarcz (2014) e Contiero (2022). Assim, entende-se como biografia, um texto narrativo, que utiliza verbos no passado e marcadores temporais, com escrita na terceira pessoa por um narrador externo. Também é característico da biografia o relato de fatos ficcionais.

Esses são alguns elementos que também estão presentes no gênero diário. Porém, o diário é escrito de maneira confidencial e pessoal, sem a intenção de haver uma publicação ou leitores. Ainda sobre a escrita, não há pretensão de relatar fatos ficcionais, os acontecimentos descritos em um diário sempre são ocorrências das vivências pessoais. Apesar das semelhanças entre

[...] o gênero autobiográfico e o diário, há diferenças sensíveis quanto aos dois gêneros. Sendo o tempo das ações narradas um dos principais. Isto porque, enquanto o diário procura dar conta do tempo presente vivenciado pelo escritor, autor, narrador e personagem, a preocupação do autobiógrafo é com a rememoração do passado (Costa, 2013).

Sendo assim, por mais que seja possível observar algumas semelhanças entre biografia e diário, entende-se que a obra de Carolina Maria de Jesus não se configura como uma produção biográfica, sendo um texto que está mais próximo do diário.

Outro gênero que aparece no Gráfico 1, e que se aproxima da biografia, são os relatos pessoais. O relato pessoal é uma exposição escrita ou falada de um acontecimento específico e não ficcional. Pode parecer bastante próximo da

biografia, mas esse gênero está ligado mais diretamente com o diário, o que os difere é o seu tamanho, que não se alonga como o diário, e o fato de que relato pessoal é feito para outras pessoas lerem.

Em suma, entende-se que as representações no continente americano são problemáticas no que se refere ao exercício de poder, resultando em reprodução de estereótipos e manutenção dos marcadores sociais da diferença, ignorando e reduzindo aos marcadores econômicos. Também foi notável como as bibliotecas americanas não souberam representar a tipologia da obra analisada, sendo perceptível a falta de conhecimento sobre a história da autora.

## 6.2 Continente europeu

O segundo continente analisado foi a Europa, onde foram recuperadas quatro bibliotecas, nos seguintes países: Alemanha, Áustria, Reino Unido e Rússia.

No que se refere a biblioteca localizada na Alemanha, *ZLB: Außenmagazin*, foram recuperados três termos: **‘Brasil’**, **‘Pobreza’**, **‘Relato de experiência’**. Nesse caso, as palavras-chave estão sendo utilizadas para representar a localização, condição social e a tipologia do texto.

Na Biblioteca Nacional Austríaca, foram recuperados cinco termos: **‘São Paulo’**, **‘Mulher Negra’**, **‘Favela’**, **‘Situação Social’**, **‘Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977’**. Nesse caso, as palavras-chave estão sendo utilizadas para representar a localização, marcadores sociais da autora, moradia, condição social e autoria da obra com data de nascimento e morte.

Na biblioteca *The Maughan Library*, no Reino Unido, foram recuperados dois cabeçalhos de assunto: **‘Pobres -- Brasil -- São Paulo’** **‘São Paulo (Brasil) -- Condições sociais’**. Nesse caso, as palavras estão sendo utilizadas para representar a condição social e pobreza no Brasil, especificamente em São Paulo.

Na *Library of Foreign Literature*, na Rússia, foram recuperados um termo e um cabeçalho de assunto: **‘Ficção’** e **‘Literatura brasileira -- Século XX -- Romances --contos’**. Nesse caso, as palavras-chave estão sendo utilizadas para representar o gênero do texto, literatura brasileira no século XX, com uma associação a romances e contos.

Para maior efeito de análise, apresenta-se um gráfico de pizza com os dados coletados. O Gráfico 2 demonstra as porcentagens e valores de cada termo. O

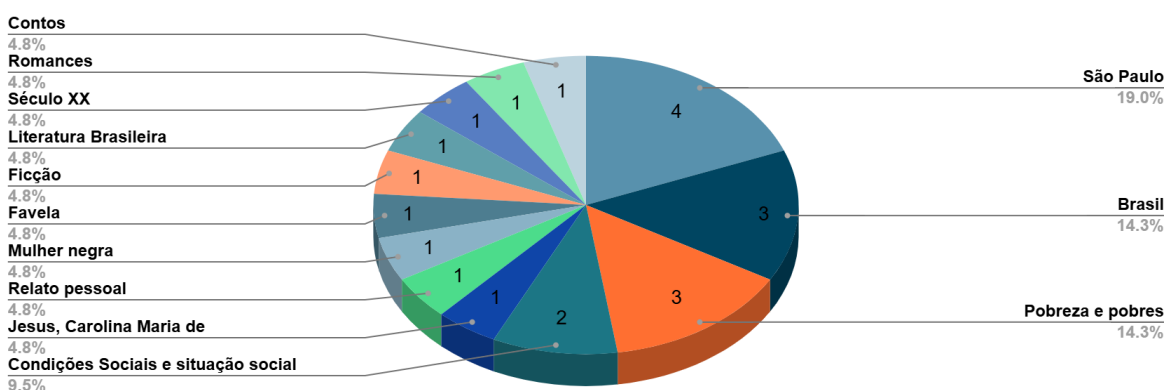
termo que mais aparece é “São Paulo”, contendo quatro ocorrências, contabilizando 19% do total dos termos. Os termos “Brasil” e “Pobreza e pobres” contêm três ocorrências cada, assim cada um deles contabiliza 14,3% do total dos termos. Em seguida, o termo “Condições Sociais” contabiliza duas ocorrências, representando 9,5% do total dos termos.

Observa-se que alguns dos termos utilizados fazem referência à literatura, de modo que cada um deles corresponde a 4,8% dos dados totais. Tais termos são: **“Conto”**; **“Romances”**; **“Literatura brasileira”** e **“Ficção”**. Termos que fazem referência direta a autora, como **“Mulher negra”** e seu próprio nome, aparecem, cada um, em 4,8% dos casos. Por fim, os termos **“Favela”** e **“Século XX”** também aparecem, cada um, em 4,8% do total.

Gráfico 2 - Termos coletados nas biblioteca da Europa

Dados dos termos coletados da Europa

Porcentagens e valores



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

É possível observar que a Europa faz uma associação direta entre o Brasil e a cidade de São Paulo; também indicam com frequência a condição de pobreza, e o nome de Carolina Maria de Jesus.

O Gráfico 2 também se baseia na análise a partir da porcentagem para melhor visualização. Assim, 33,3% dos resultados indicam que os termos indexadores utilizados na Europa representam a localização, frisando que a obra foi escrita no contexto da cidade de São Paulo, no Brasil. Também foi levantado que

23,8% dos indexadores utilizados se referem a pobreza, pobres, condições sociais e situação social.

No Gráfico 2 constata-se que, os termos indexadores utilizados, em sua grande maioria, representam a pobreza em São Paulo. Há apenas uma menção a gênero e raça, sendo o indexador '**Mulher Negra**', com os termos usados juntos para a representação da autora. Também para representar a autora, foi utilizado em uma situação o indexador que corresponde à autoria da obra, o termo '**Jesus, Carolina Maria de**'.

Assim como no continente americano, o continente europeu privilegiou o posicionamento geográfico onde a obra foi produzida. Seguindo as tendências americanas, os termos mais utilizados após os de marcadores geográficos dizem respeito às condições sociais de pobreza relatadas na obra. Como mencionado acima, o termo "**Mulher negra**" tem uma ocorrência. Ainda que seja pouco, já significa um avanço em relação aos termos indexadores usados no continente americano, que em nenhum momento fizeram alusão à intersecção de raça e gênero.

Por fim, é possível observar que houve tentativa de enquadrar a obra a partir de seus elementos textuais e literários. Isto é, os indexadores indicam que há um debate sobre a qual gênero literário a obra de Carolina Maria de Jesus pertence. O Gráfico 2 demonstra que não houve um gênero predominante na representação da obra, todos eles aparecem com a mesma contagem (n=1).

A respeito de relatos pessoais, a discussão feita na seção em que se analisou os dados do continente americano vale também para esse caso. O termo "**Literatura brasileira**" não faz alusão direta a um gênero literário ou textual, restringindo-se a enquadrar a obra como uma produção literária brasileira.

Por outro lado, a representação da obra a partir dos termos "**Conto**" e, sobretudo, "**Romance**", é capaz de produzir um debate interessante. A partir de Costa (2013), é possível levar a cabo a discussão de que existem elementos romanescos em "Quarto de despejo". Em primeiro plano, a escrita como uma crítica social produz tensões e aproximações com o gênero romance. Outra questão importante é que, na medida em que Carolina Maria de Jesus possui a necessidade de

[...] ligar fragmentos, de procurar tornar coerente a sua vida tumultuada e fragmentária de mulher favelada e marginal; mais do que uma exigência de

tornar a sua realidade coerente para si mesma, trata-se de esforço de torná-la coerente para o 'outro', que nada mais é, do que o seu leitor. O fato de se visar um leitor, que não um 'eu' futuro, rompe as barreiras que isolava o diário dos outros gêneros vizinhos, como também, podemos induzir, até mesmo, uma aproximação com o gênero romance. A se pensar com Lukács, vemos que uma das principais preocupações do romancista é de conectar fragmentos, que estão no mundo, de forma coesa, dando a estes uma configuração minimamente comunicável ao seu leitor. De fato, aceita-se a ideia de que o gênero diário, tal como é delineado pelos teóricos, apresenta-se como um exemplo da necessidade que o homem tem de ligar fragmentos da realidade. Porém, a diferença básica é que enquanto o diarista, que não procura superar as margens do gênero, ordena os fatos para si mesmo, o romancista e, no caso, a escritora do Diário, ordenam esses fatos visando outrem. Carolina tenta unir fatos isolados tomados ao seu cotidiano, em uma tessitura coesa, isto é, a autora sente a necessidade de apresentar ao outro, seu interlocutor, o que é a favela, por intermédio de suas experiências cotidianas (Costa, 2013, p. 52).

Costa (2013) ainda produz aproximações da obra caroliniana com o gênero do conto, mais especificamente, o livro "Pedaços da fome", no qual a autora assume explicitamente o viés ficcional. Em "Quarto de despejo", contudo, a aproximação ao conto se torna uma tarefa difícil, uma vez que a autora não possui a intenção de ficcionalizar suas vivências. Ainda que, por vezes, a narração da autora se dê ao redor de um acontecimento específico de seu dia e que cada personagem esteja conectado a esse acontecimento, isso se dá não pela obra ser um conto, mas por ser uma narrativa sobre seus dias, quando alguns acontecimentos possuem maior importância para a autora.

Por fim, o uso do termo indexador "**Ficção**" para representar "Quarto de despejo" pode ser entendido a partir das dinâmicas de relações de poder entre norte e sul global. O entendimento de que os relatos narrados por Carolina Maria de Jesus são ficcionais, reproduz a mesma dinâmica de poder presente na relação psiquiatra e "louco" (Foucault, 1978). Na medida em que tratam a palavra, a vida e as dores sofridas por uma mulher negra, como meramente ficcionais, estão despossuindo-a da razão, da verdade, do conhecimento sobre sua própria vida. O mesmo acontece com o "louco", que é posto, pelo psiquiatra, como aquele sem razão, que vive num outro mundo, onde a verdade não lhe diz respeito. É importante destacar que o objetivo dessa fala não é de dizer que Carolina Maria de Jesus seja vista como "louca" por aqueles que representaram sua obra, mas sim, que a dinâmica de poder presente nesse exercício representativo reproduz a dinâmica entre médico e paciente.

Em resumo, é possível observar que o continente europeu possui muitas semelhanças, na forma de representar “Quarto de despejo”, com o continente americano. Ambos os continentes revelam como três termos mais usados: **“Brasil”**, **“São Paulo”** e **“Pobreza e Pobres”**. As principais diferença entre os continentes dizem respeito a: 1) uma aparição do termo **“Mulher negra”**, aludindo à condição interseccional da autora; e 2) uma maior representação da obra a partir de seu enquadramento literário, produzindo um debate a respeito dos tensionamentos que a obra produz com os gêneros literários.

### 6.3 Continente oceânico

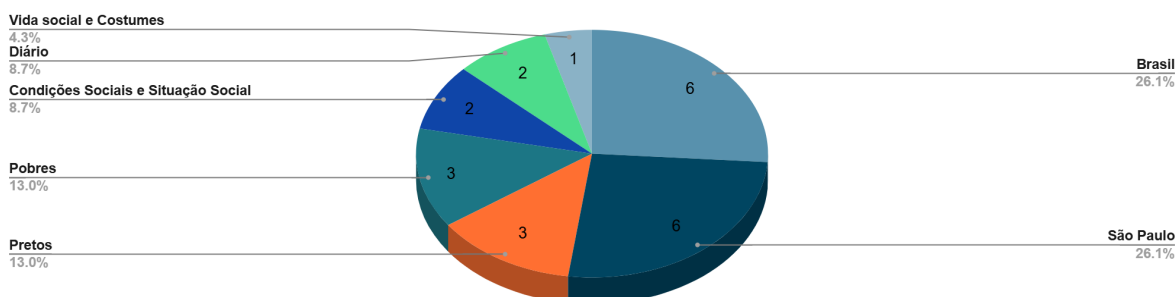
O terceiro continente analisado foi a Oceania, de onde foram recuperados dados de apenas uma biblioteca: Biblioteca Nacional da Austrália.

No que se refere à Biblioteca Nacional da Austrália, foram recuperados sete cabeçalhos de assunto: **‘Jesus, Carolina Maria de -- Diários’**, **‘Pobre -- Brasil -- São Paulo (Cidade)’**, **‘Pretos -- Brasil -- São Paulo -- Diários’**, **‘Pretos -- Brasil -- São Paulo -- Condições Sociais’**, **‘Pobres -- Brasil -- São Paulo -- Diários’**, **‘Pobres -- Brasil -- São Paulo -- Vida Social e Costumes’**, **‘São Paulo (Brasil) -- Condições Sociais’**. Nesse caso, as palavras-chave escolhidas remetem a localização, condição social, raça e tipologia do texto.

Para maior efeito de análise, apresenta-se um gráfico de pizza com os dados coletados. O Gráfico 3 demonstra as porcentagens e valores de cada termo. Os termos que mais aparecem são **“São Paulo”** e **“Brasil”**, cada um deles com seis ocorrências, contabilizando, cada, 26,1% do total dos termos. Em seguida, os termos **“Pobres”** e **“Pretos”** aparecem três vezes cada, contabilizando 13% cada do total dos termos. Adiante, o termo **“Condições Sociais e Situações Sociais”** e **“Diário”** aparecem duas vezes cada, contabilizando 8,7% cada do total dos termos. Por fim, o termo **“Vida Social e Costumes”** aparece uma vez, contabilizando 4,3% do total dos resultados.

Gráfico 3 – Termos coletados nas biblioteca da Oceania

Dados dos termos coletados da Oceania  
Porcentagens e valores



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

O Gráfico 3 baseia-se na análise por meio da porcentagem para melhor interpretação. Desse modo, 52,2% dos termos indexadores utilizados na Oceania representam a localização, a cidade de São Paulo e o Brasil, enfatizando, portanto, a localidade onde a narrativa se desdobra. Outro ponto observado é que 13% dos termos indexadores remetem a **‘Pobres’**, e outros 13% remetem a **‘Pretos’**. Sendo 26% dos resultados referentes à pobreza e questão de raça, de maneira separada.

Seguindo a tendência do continente europeu, a Oceania também representou a obra a partir do marcador social racial, mas sem interseccionalizá-lo com o marcador social de gênero. Pode-se considerar que há um avanço em comparação ao continente americano, que não trouxe questões de raça e/ou gênero, e, mesmo em relação à Europa, pode-se considerar que a Oceania apresenta avanços, na medida em que tratou da questão racial em uma proporção superior. Esse avanço, contudo, não passa da primeira página, uma vez que, como já foi mencionado, não interseccionalizou raça com outros marcadores sociais presentes em “Quarto de despejo”.

Para representar a condição social, o termo **‘Condições Sociais e Situação Social’** aparece em 8,7% dos resultados, uma quantidade baixa, mas que acaba fazendo sentido, já que 13% dos resultados já apontam sobre a situação econômica.

É possível perceber que a Oceania se aproxima da América do Norte na questão territorial, sendo os continentes que mais fazem a conexão da obra com São Paulo e com o Brasil. Seguindo essa comparação, por outro lado, a Oceania

utiliza mais indexadores que representam raça do que a América do Norte, de forma a se aproximar do continente Europeu.

#### 6.4 Análise geral dos termos de indexação

Após a análise continental de uso de termos, faz-se necessário produzir um debate a partir de um panorama geral. Para tanto, o Gráfico 4 traduz em valores como a obra de Carolina Maria de Jesus é representada globalmente.

Observa-se que boa parte dos termos utilizados para representar “Quarto de despejo” faz alusão à posição geográfica de sua produção, isto é, a cidade de São Paulo (23 ocorrências, que representam 20,5% do total) e o Brasil (24 ocorrências, que representam 21,4% do total).

Constata-se também uma grande dificuldade em enquadrar a obra em um gênero literário uma vez que foram citados vários gêneros, como: **ficção** (uma ocorrência, que representa 0,9% do total); **biografia** (duas ocorrências, que representam 1,8% do total); **contos** (duas ocorrências, que representam 1,8% do total); **novelas** (uma ocorrência, que representa 0,9% do total); **diários** (quatro ocorrências, que representam 3,6% do total); **relatos pessoais** (quatro ocorrências, que representam 3,6% do total); e **romance** (uma ocorrência, que representa 0,9% do total). Ainda sobre a definição do gênero literário da obra, é importante ressaltar que ela foi colocada sob o guarda-chuva da literatura portuguesa duas vezes (o que representa 1,8% do total), o que se configura como um apagamento e desconhecimento da tradição literária brasileira e da importância de Carolina Maria de Jesus.

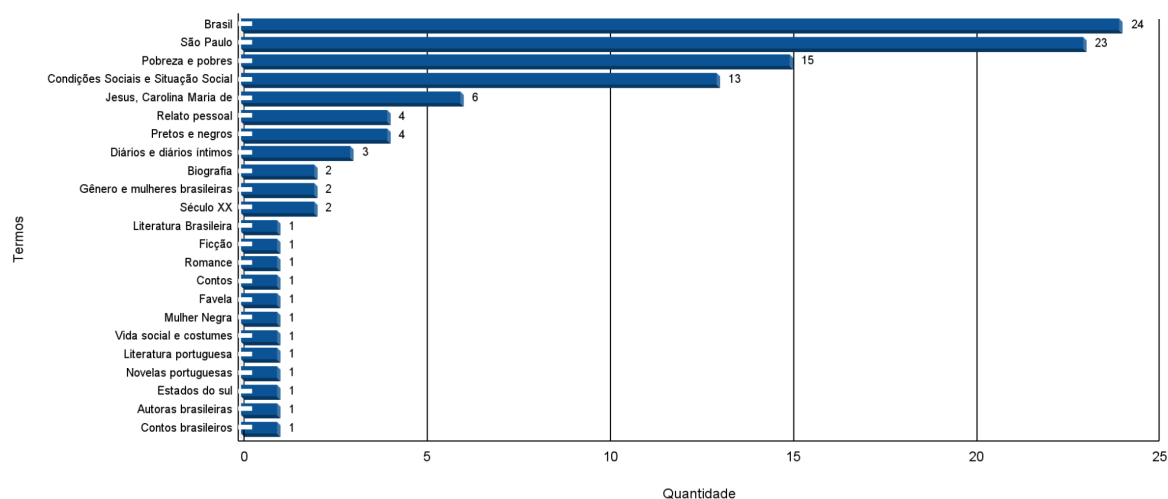
Além dos termos vinculados ao enquadramento literário da obra e, além dos termos que fazem referência à posição geográfica, os demais termos coletados foram: **Pobreza e Pobres** (15 ocorrências, que representa 13,4% do total); **Condições sociais e Situação social** (13 ocorrências, que representa 11,6% do total); **Jesus, Carolina Maria de** (6 ocorrências, que representa 6,3% do total); **Pretos e Negros** (4 ocorrências, que representa 3,6% do total); **Gênero e Mulheres brasileiras** (2 ocorrências, que representa 1,8% do total); **Século XX** (2 ocorrências, que representa 1,8% do total); **Favela** (1 aparição, que representa 0,9% do total); **Mulher negra** (1 aparição, que representa 0,9% do total); **Vida social e costumes** (1 aparição, que representa 0,9% do total); **Estados do sul** (1 aparição, que

representa 0,9% do total); e, por fim, **Autoras brasileiras** (1 aparição, que representa 0,9% do total).

Gráfico 4 - Dados gerais dos termos coletados

## Dados gerais dos termos coletados

Valores



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A partir dos gráficos continentais e, sobretudo, do gráfico geral, é possível pontuar alguns aspectos. Em primeiro lugar, preocupa a falta de associação da obra com questões de gênero, uma vez que apenas 3,6% dos termos fazem alusão ao tema. Quando o assunto é raça, a estatística se repete. A situação é ainda mais grave quando se buscam termos que interseccionam gênero com raça, o que ocorreu apenas uma vez (0,9%). No sentido inverso, nota-se o grande destaque dado à posição geográfica (41,9%) e às condições sociais de pobreza (25%).

Dessa forma, é possível concluir que a obra de Carolina Maria de Jesus é, globalmente, sub-representada em assuntos candentes de debate como raça, gênero e interseccionalidade, constantes no livro. O destaque dado à posição geográfica e às condições sociais de pobreza não são surpreendentes, pois, de fato, a obra se passa na cidade de São Paulo e traz elementos de pobreza com frequência.

A questão que se coloca é a desconexão de como se dão essas condições de pobreza. A situação de pobreza relatada pela autora não é um acaso, é fruto do acúmulo de marcadores sociais, como raça e gênero, que produzem tudo o que é contado pelas penas da autora.

Ignorar os elementos que levam Carolina Maria de Jesus à pobreza, assim como ignorar outras dificuldades, violências e desigualdades que ela vive por ser uma mulher negra, configura-se como uma naturalização de tais condições de vida.

A ciência da informação, a partir das bibliotecas, deve combater a manutenção de relações de poder, estereótipos e violências simbólicas. Infelizmente, o que se notou foi o contrário. As unidades informacionais reproduzem tais dinâmicas em seu interior, na medida em que representam “Quarto de despejo” de maneira semelhante. Poucas foram as exceções que se comprometeram com o peso da representação e que buscaram, dessa forma, traduzir em indexadores a complexidade social da obra caroliniana.

## 7 Sobre as notações de classificação

Nesta seção será abordada a análise das notações de classificação coletadas. As subseções seguintes irão tratar de análises específicas das bibliotecas que utilizam a CDD como sistema, e das bibliotecas que utilizam CDU e a LCC como sistema.

### 7.1 Análise das notações de classificação coletadas em bibliotecas que utilizam a CDD

Nessa subseção, serão analisadas as notações de classificação da obra em estudo realizadas por bibliotecas que utilizam como sistema de classificação a CDD, localizadas nos seguintes países: Argentina, Chile, Colômbia, Panamá, Canadá, Estados Unidos, México, Itália, Austrália e Egito.

No que se refere às notações coletadas, foram recuperadas treze no total. Dentre elas, encontram-se: 1) a biblioteca Bernardino Rivadavia, localizada na Argentina, que utilizou a notação de classificação **869.34**; 2) a Biblioteca Nacional do Chile, onde a notação de classificação utilizada foi a de **920.69**; 3) a biblioteca de Los Andes, localizada na Colômbia, que utilizou a notação de classificação **928.69**; 4) a biblioteca Interamericana, localizada no Panamá, na qual foi utilizada a notação de classificação **920**; 5) a biblioteca North York Central Library, localizada no Canadá, que utilizou a notação de classificação **306.09816**; 6) também no Canadá, a Toronto Reference Library, utilizou da mesma notação, **306.09816**, que a North York Central Library, o que se deve ao fato de elas utilizarem o mesmo sistema; 7) a biblioteca *New York University Libraries*, localizada nos Estados Unidos, utilizou a notação **920.7**. 8) em outra biblioteca dos Estados Unidos, a *Los Angeles Public Library*, utilizou-se a notação **309.81**; 9) a biblioteca Daniel Cosío Villegas, localizada no México, utilizou a notação **860**, 10) ainda a biblioteca do México, também utilizou a notação **362.50981**; 11) a biblioteca Nacional Central de Roma, localizada na Itália, utilizou a notação **920.7**; 12) a biblioteca Nacional da Austrália, utilizou a notação **330.9816**; 13) a biblioteca Escolástica Alexandria, localizada no Egito, utilizou a notação **878.4**.

Quadro 1: Notações coletadas da CDD

| País      | Biblioteca           | Notação utilizada |
|-----------|----------------------|-------------------|
| Argentina | Bernardino Rivadavia | 869.34            |

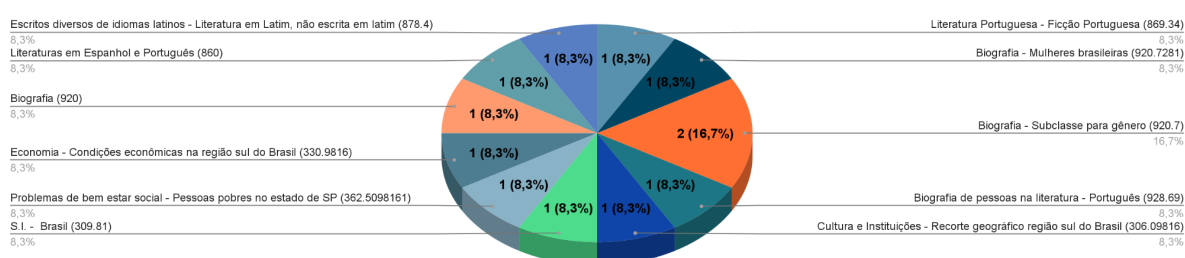
|                |                                     |           |
|----------------|-------------------------------------|-----------|
| Chile          | Biblioteca Nacional do Chile        | 920.69    |
| Colômbia       | Biblioteca de Los Andes             | 928.69    |
| Panamá         | Biblioteca Interamericana           | 920       |
| Canadá         | North York Central Library          | 306.09816 |
| Canadá         | Toronto Reference Library           | 306.09816 |
| Estados Unidos | New York University Libraries       | 920.7     |
| Estados Unidos | Los Angeles Public Library          | 309.81    |
| México         | Biblioteca Daniel Cosío Villegas    | 860       |
| México         | Biblioteca Daniel Cosío Villegas    | 362.50981 |
| Itália         | Biblioteca Nacional Central de Roma | 920.7     |
| Austrália      | Biblioteca Nacional da Austrália    | 330.9816  |
| Egito          | Biblioteca Escolástica Alexandria   | 878.4     |

No caso da biblioteca do México, houve dois resultados diferentes na mesma unidade, sendo um título em espanhol (*La Favela*) e o outro em inglês (*Child Of The Dark: The Diary of Carolina*). Por conta dessa diferença no título, os livros obtiveram notações de classificação diferentes, sendo uma na classe do 800 (Literatura) e outra na classe do 300 (Ciências Sociais).

Para maior efeito de análise, apresenta-se um gráfico de pizza com os dados coletados. O Gráfico 5 demonstra as porcentagens e valores de cada notação. Todas as notações aparecem apenas uma vez no gráfico, o que contabiliza 8,3% do total das notações. Apenas as notações da bibliotecas do Canadá que aparece 2 vezes cada, contabilizando 16,7% do total das notações.

Gráfico 5 - Notações coletadas: notações completas

**Notações coletadas: notações completas**

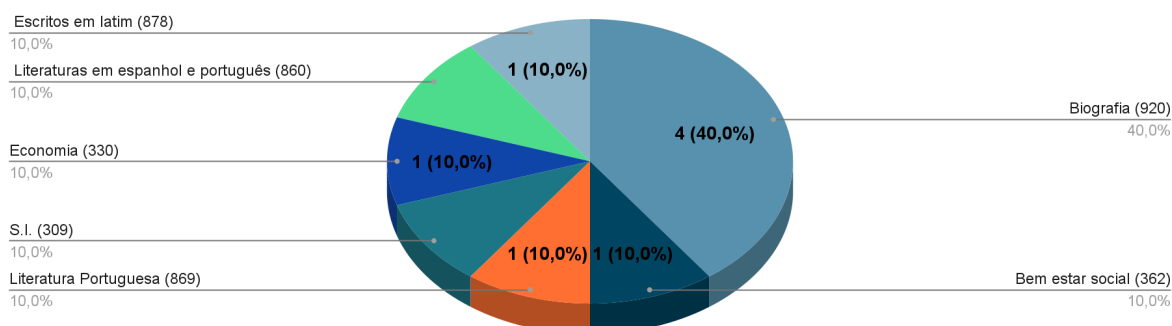


Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Como é possível observar, o Gráfico 5 representa visualmente todas as notações completas das bibliotecas da amostra que utilizaram a CDD para representar “Quarto de despejo”. A seguir, os Gráficos 6 e 7 dissecam as notações a partir das classes principais e das classe específicas, respectivamente. Por exemplo, a notação completa 869.34 foi dividida em duas partes, presentes em cada uma das tabelas, sendo as partes a classe principal (869) e a classe específica (.34). Na verdade, as notações são as mesmas, sendo apenas uma forma diferente de se visualizar e comparar os dados.

O Gráfico 6, que também segue o modelo de pizza, demonstra porcentagens e valores de cada classe principal. A classe com maior número de ocorrências foi a **920** (Biografia), com quatro incidências, o que contabiliza 36,4% do total das classes utilizadas. Em seguida, todas as demais classes possuem uma única aparição, o que representa 9,1% dos casos. Tais classes são: **362** (Bem estar social); **878** (Escritos em latim); **860** (Literatura em português e espanhol); **330** (Economia); **309** (A classe 309 foi descontinuada na vigésima segunda edição da CDD, de forma que foi constatada a sigla S.I. - sem informação); por fim, a classe **869** (Literatura portuguesa) também foi utilizada uma vez.

Gráfico 6 - Notações coletadas: classes principais

**Notações coletadas: classes principais**

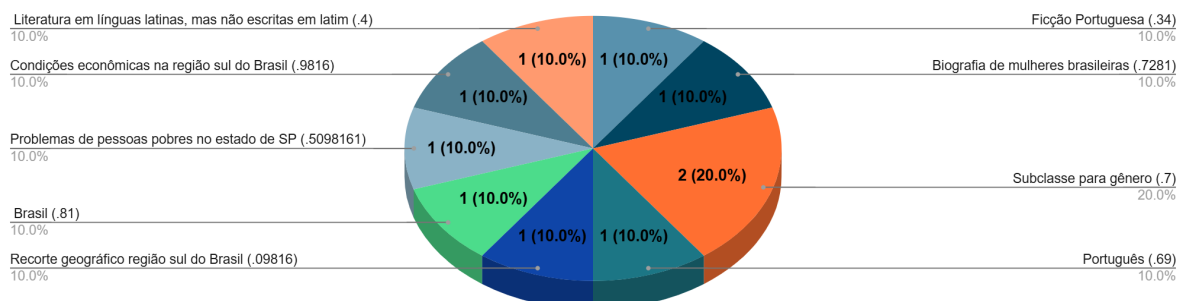
Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Por fim, o Gráfico 7 trata da segunda parte da notação completa. Com exceção da subclasse para gênero, que é a **.7**, que possui duas ocorrências, o que representa 20% dos casos, todas as outras notações específicas possuem somente uma ocorrência, representando 10% dos casos. Ainda sobre a subclasse **.7**, cabe mencionar que ela funciona como um sufixo para indicar o gênero de modo específico, que seria **.71** para o sexo masculino e **.72** para o feminino. Assim, entende-se que a notação utilizada nesses dois casos não foi especificada para tratar do gênero da autora. Isto é, foi feito um recorte de gênero, mas não indicou-se, a partir da notação, o gênero do recorte, a não ser que a edição da CDD utilizada houvesse outra indicação.

A despeito das notações que possuem uma única ocorrência, o que representa 10% dos casos, são: ficção portuguesa: **.34**; Mulheres brasileiras: **.7281**; Português: **.69**; Recorte geográfico da região sul do Brasil: **.09816**; Brasil: **.81**; Problemas de pessoas pobres no estado de SP: **.5098161**; Condições econômicas na região sul do Brasil: **.9816**; e, por fim, Literatura em línguas latinas, mas não escritas em latim: **.4**. A seguir encontra-se o referido Gráfico 7.

Gráfico 7 - Notações coletadas: classes específicas

## Notações coletadas: classes específicas



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A partir da apresentação dos dados coletados, torna-se possível prosseguir com a análise. Em primeiro lugar, cabe destacar que, assim como ocorreu nos termos de indexação, a obra foi amplamente compreendida como pertencente ao gênero biográfico. A análise realizada anteriormente sobre os gêneros se replica nesse espaço. É necessário pontuar, contudo, que, enquanto nos termos indexadores a biografia foi o segundo gênero literário mais utilizado, atrás do diário, no caso das notações ela se consolidou como o único gênero literário mencionado, de forma a aprofundar as problemáticas relatadas anteriormente. No total, foram quatro notações que trataram de representar a obra a partir do gênero biográfico.

Em segundo lugar, também de modo semelhante ao que ocorreu com os termos indexadores, observa-se a priorização do marcador social da pobreza, em detrimento de outros. Notações que representam a condição da pobreza exposta pela obra somam 16,6% da porcentagem total do Gráfico 5, enquanto a referência à noção de gênero, associada à biografia, representa somente a metade disso, sendo 8,3%. Demais marcadores sociais não foram mencionados uma vez sequer.

Outro ponto de destaque é a constante referência à localidade e ao idioma da obra. 60% das notações contidas no gráfico 7 fazem alusão à elementos geográficos e linguísticos. Para a construção dessa porcentagem considerou-se que as notações representativas da geografia e idioma são as: **.9816**; **.5098161**; **.81**; **.09816**; **.69**; e **.4**. Destaca-se destas notações a sequência 98161, que são extremamente específicas à condição geográfica. O dígito 9, nesse contexto, significa que os números que

virão em sequência irão especificar o recorte histórico ou geográfico; o dígito 8 faz alusão à América do Sul; o dígito 1 representa o Brasil; o dígito 6 indica o estado de São Paulo e as regiões sul do Brasil; e, por fim, o dígito 1 faz alusão direta ao estado de São Paulo.

Por fim, é importante notar que a obra de Carolina Maria de Jesus foi posta no guarda-chuva da literatura portuguesa em duas ocasiões. A primeira delas diz respeito ao uso da notação 869 na classe principal, que indica que a obra pertence à literatura portuguesa. O segundo caso decorre do primeiro, pois diz respeito à segunda parte da notação, que enquadra a obra como uma ficção portuguesa. A problemática em colocar a obra caroliniana dentro do gênero ficcional já foi demonstrada anteriormente, mas cabe enfatizar que essa representação replica dinâmicas do poder psiquiátrico.

## **7.2 Análise das notações de classificação coletadas em bibliotecas que utilizam a CDU e a LCC**

Nesta seção serão analisadas as notações de classificação daquelas bibliotecas que representaram a obra em estudo a partir da Classificação Decimal Universal (CDU) ou da *Library of Congress Classification* (LCC). Como dito anteriormente, as unidades que utilizam sistemas de classificação próprios não estão contempladas na análise, uma vez que seus manuais não são disponibilizados ao grande público. Pontua-se que, uma vez que apenas duas bibliotecas fizeram uso da CDU ou da LCC, não se justifica o uso de gráficos para representar visualmente os dados coletados.

No caso da Biblioteca Nacional da Espanha, o sistema escolhido foi a CDU, e a obra foi representada a partir da notação **860(81)-94"19"**. A classe principal da notação, isto é, o **860**, indica que o livro representado é uma literatura em língua portuguesa e galega. Em seguida, o número 81 encontra-se entre parênteses, sendo esse elemento utilizado como auxiliar de lugar. Por sua vez, o número 81 indica o Brasil como este lugar. Após o **(81)** observa-se um hífen, que se segue do número 94. O hífen é utilizado como auxiliar de forma e, neste caso, de forma literária. O número 94 enquadra a obra como uma obra literária pertencente ao gênero textual narrativo. Desta forma, o **-94** faz alusão ao gênero da obra, mas sem especificar se se trata de um conto, romance ou novela, uma vez que o número 94 coloca todos esses gêneros juntos. Por fim, entre aspas encontra-se o número 19. As aspas

possuem a função auxiliar de tempo, e o número 19 representa, nesse caso, o século XX. Dessa forma, a Biblioteca Nacional da Espanha representou “Quarto de despejo” como uma obra literária brasileira, pertencente ao gênero textual narrativo e escrita no século XX.

Ainda no continente europeu, mas no Reino Unido, a *The Maughan Library* utilizou a LCC como sistema de classificação para representar “Quarto de despejo”. A notação produzida pela biblioteca foi a seguinte: HN290.S33. A letra **H** designa a área do conhecimento, sendo ela representativa das ciências sociais; a letra **N** designa a subárea, que seria a de história social. O número **290** está relacionado com o recorte geográfico, indicando que a obra foi feita no Brasil. Por fim, o **.S33** refere-se à utilização da Tabela de Cutter para construir uma notação geográfica para identificar “São Paulo”, não havendo detalhes se se refere à cidade ou ao estado de mesmo nome. Dessa forma, entende-se que essa biblioteca universitária britânica representou a obra de Carolina Maria de Jesus como um livro que se qualifica como um estudo da história social de São Paulo.

Não são muitas as conclusões que podem ser tiradas a partir de duas notações, que sequer compartilham o mesmo sistema de classificação. Pode-se pontuar, no geral, duas coisas: em primeiro lugar, ressalta-se o destaque geográfico dado pelas bibliotecas para representar a obra; em segundo lugar, nota-se que nenhuma das bibliotecas fez alusão aos marcadores sociais presentes na obra caroliniana. É evidente que a obra de Carolina Maria de Jesus não pode e não deve ser reduzida às denúncias, sendo também entendida como um grande marco literário, rica de elementos artísticos. Contudo, não pontuar como se deu a produção dessa arte significa ignorar os desafios enfrentados e narrados pela autora, que só engrandecem sua produção literária.

## 8 Considerações Finais

Em suma, este trabalho tem como problema a seguinte pergunta: de que forma as relações de poder interferem nas representações do livro “Quarto de Despejo” em bibliotecas estrangeiras? Para entender sobre essas representações, foi feita uma análise a partir da indexação e classificação. Para tanto, foi realizada uma coleta de dados, onde foram coletados termos de indexação e notações de classificação em bibliotecas estrangeiras. Foram coletados 23 termos de indexação no total, contabilizando 110 ocorrências desses termos. Sobre as notações de classificação, foram coletadas 17 no total, contabilizando 18 ocorrências, sendo que 11 delas utilizaram como sistema de classificação a CDD, 1 a LCC, 1 a CDU e 5 utilizaram sistemas próprios.

No que se refere às etapas de análise dos resultados, estas se baseiam nas discussões provenientes do referencial teórico, sobretudo, a partir da lente teórico-metodológica foucaultiana. A partir desta perspectiva foi possível compreender como as relações de poder estão presentes nas mais variadas dinâmicas da vida social, mesmo em processos de classificação e indexação, que se apresentaram como sintomáticos das relações de poder entre norte e sul global.

Diante do objetivo geral da pesquisa – compreender nuances da representação documentária, em bibliotecas estrangeiras, pela análise da classificação e indexação da obra “Quarto de Despejo”, verifica-se que a pesquisa realizada permite constatar, a partir da análise dos termos de indexação e das notações de classificação:

- a) a relevância internacional da obra e sua vasta quantidade de dados, o que foi uma grata surpresa;
- b) um consenso relativo em representar a obra junto ao gênero autobiográfico;
- c) a representação da obra como sendo expositiva das condições sociais de pobreza no Brasil, especialmente em São Paulo;
- d) a forma como algumas bibliotecas utilizaram do mesmo descritor repetidas vezes, o que não amplia os horizontes representativos da obra;
- e) algo que pode ser revelador de falta de cuidado em realizar uma leitura documentária atenta, considerando-se a incidência de representações

documentárias que reproduzem estereótipos associados à obra, à autora e ao Brasil;

- f) a falta de representação da obra que contemplem de modo efetivo seu importante debate interseccional de raça e gênero;
- g) que as notações de classificação, independentemente do sistema utilizado, assim como os termos de indexação empregados, privilegiam a representação de certos elementos da obra em detrimento de outros.

A análise dos dados coletados baseia-se nos três objetivos específicos propostos para esta pesquisa, que são: discutir as relações entre os conceitos de “organização” e “representação”; compreender a representação da obra a partir das notações de classificação e de descritores utilizados e analisar e comparar a qualidade e a pertinência das representações documentárias atribuídas à obra. Entende-se que os objetivos foram alcançados, na medida em que foi possível compreender a representação da obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, a partir da análise dos descritores e das notações de classificação utilizadas pelas bibliotecas objetos deste estudo, tomadas como representantes dos continentes americano, europeu, asiático e da Oceania.

Como sugestões para trabalhos futuros, entende-se que ainda é necessário maiores discussões que ampliem a análise da representação documentária da obra de Carolina Maria de Jesus, para além de “Quarto de despejo”, com cobertura geográfica ainda mais representativa, de modo a construir um panorama global, incluindo-se o cenário brasileiro.

Considera-se relevante, por fim, desenvolver novos estudos que permitam aprofundar as conexões entre linguagens documentárias e aspectos de interseccionalidade, assentados, sobretudo, nos marcadores sociais de raça, gênero e à condição de ser mãe solo.

## 9 Referências

- ABREU, M. Concepções sobre romance. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC-Tessituras, Interações, Convergências**. 2008. Disponível em: [https://caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/Abralic2008/MARCIA\\_ABREU.pdf](https://caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/Abralic2008/MARCIA_ABREU.pdf). Acesso em 22/11/2025.
- ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 8, n. 15, p. 18-40, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/147/14701503.pdf>. Acesso em 22/11/2025.
- ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012.
- ANDRADE, L. V. de; BRUNA, D.; SALES, W. N. de. Classificação: uma análise comparativa entre a Classificação Decimal Universal - CDU - e a Classificação Decimal de Dewey – CDD. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 25, n. 2, p. 31–42, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/2088>. Acesso em: 26/03/2025.
- ANJOS, L. dos. **Sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e na Biblioteconomia**: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar\\_url?url=https://www.academia.edu/download/58678187/5329385.pdf&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-ggp&ct=res&cd=0&d=6366698682879523988&ei=HSEiadnyD5vJieoPuauKkAw&scisig=ABGrvjLRMVgXP3fZqqrR6Nytj6Aj](https://scholar.google.com/scholar_url?url=https://www.academia.edu/download/58678187/5329385.pdf&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-ggp&ct=res&cd=0&d=6366698682879523988&ei=HSEiadnyD5vJieoPuauKkAw&scisig=ABGrvjLRMVgXP3fZqqrR6Nytj6Aj). Acesso em 26/03/2025.
- BAHIA, L. A. **Traduzindo culturas?** O olhar estrangeiro sobre o Quarto de despejo. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bachareladotraducao/wp-content/uploads/sites/166/2021/05/Luisa-Arantes-Bahia.pdf>. Acesso em: 30/11/2025.
- BARCELLOS, S. **Vida por escrito**: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Bertolucci, 2015.
- BARITÉ, M.; COLOMBO, S.; BLANCO, A. D. **Diccionario de organización del conocimiento**. Montevideo: CSIC, 2015.
- BASTOS, J.T. da S. **Dicionário etimológico, prosódico e ortográfico da língua portuguesa**. Lisboa, Portugal: Casa Editora António Maria Pereira, 1912. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=223150>. Acesso em 22/11/2025.
- BRASIL. **Mapa da Fome da ONU**: insegurança alimentar severa cai 85% no Brasil em 2023. GOV, 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/07/mapa-da-fome-da-onu-ins-e-guranca-alimentar-severa-cai-85-no-brasil-em-2023>. Acesso: 29/06/2025.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento. De Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAFÉ, L.; BRASCHER, M. Organização da informação ou organização do conhecimento. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 9, p. 5, 2008.

CARMO, P.S. **Merleau-Ponty**: uma introdução. São Paulo: Educ, 2000.

CARINO, J. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, v. 20, p. 153-182, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/pfcpcbYWBnLMVktGRhKKNYM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17/11/2025.

CARDOSO FILHO, J.C; SANTOS, M.M. Principais aplicações na ciência da informação. In: ALVARES, L. (Org). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012., p. 185-223.

**CAROLINA MARIA DE JESUS**: Um Brasil para os brasileiros. Curadoria de Hélio Menezes e Raquel Barreto. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2024. Exposição realizada no IMS Paulista. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>. Acesso em: 27/06/2025.

CARLAN, E.; MEDEIROS, M. B. B.. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 53–73, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1675>. Acesso em: 16 nov. 2025.

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes antropológicos**, v. 9, p. 283-302, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/dpMjFJy3fQ83BMtYnVxzBkF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22/11/2025.

CASSIANO, B. Sobre a autora. In: **Casa de alvenaria**: volume 2: Santana. Jesus, Carolina Maria de. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

CHAUMIER, J. Indexação: conceitos, etapas e instrumentos. **Revista brasileira Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, n. 21, v.1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/388/362>. Acesso em: 22/11/2025.

CONTIERO, L. Gênero biográfico e imaginário de formação. In: **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em:

[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO\\_EV174\\_M D1\\_ID8069\\_TB885\\_20062022105750.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_M D1_ID8069_TB885_20062022105750.pdf). Acesso em: 22/11/2025.

COSTA, A. K. T. da. **Do diário ao romance**: representação literária em Quarto de despejo (1960) e Pedacos da fome (1963), de Carolina Maria de Jesus. Dissertação. Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

COSTA, D. A.; FARIAS, M. G. G. Apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social: uma análise da obra quarto de despejo. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, n. 1, p. 45-69, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45151>. Acesso em: 03/10/2025.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O.. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da informação**, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/343645>. Acesso em: 26/11/2025.

DANTAS, A. “Nossa irmã Carolina”. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

DUARTE, J. M. **Análise comparativa estrutural entre a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU)**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Curso de Biblioteconomia, Universidade de Marília, Marília, 2013.

DUARTE, F. J. et al. ‘Ela deveria estar aposentada’: um estudo dos marcadores sociais a partir da notícia divulgada pelo G1. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 12, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/6738>. Acesso em: 23/11/2025.

**Explorando as estantes**: entendendo as chamadas e a classificação da Biblioteca do Congresso. UC Berkeley Library, disponível em: <https://guides.lib.berkeley.edu/c.php?g=125157&p=1027399>, Acesso em: 05/01/2026.

FERNANDES, M. L. O. et al. **Relato pessoal e os efeitos de sentido: a compreensão por meio do léxico**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38379/1/RelatoPessoalEfeitos.pdf>. Acesso em 23/11/2025.

FIGUEIREDO, M. F. de. Pós-fenomenologia e Ciência da Informação: aportes epistêmicos para acesso ao conhecimento. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 3, n. 1, p. 21–35, 2012.

Disponível em:

[https://scholar.google.com/scholar\\_url?url=https://www.revistas.usp.br/incid/article/download/42367/46038/0&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=4492231764989856545&ei=exwjacuOCevJieoPsMzREQ&scisig=ABGrvjI8VMuskqrcPIBTup6eXvgN](https://scholar.google.com/scholar_url?url=https://www.revistas.usp.br/incid/article/download/42367/46038/0&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=4492231764989856545&ei=exwjacuOCevJieoPsMzREQ&scisig=ABGrvjI8VMuskqrcPIBTup6eXvgN). Acesso em 23/11/2025.

FONTENELE, O. de C. S.; NETO, P. R. M. Por uma didática de leitura e produção textual: uma proposta de ensino com o gênero Relato Pessoal. **A Cor das Letras**, v. 19, n. 3, p. 169-188, 2018. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/3597>. Acesso em 23/11/2025.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau/PUC, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Terra e paz, 2008.

GOMES, H. E. TENDÊNCIAS DA PESQUISA EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 2, n. 1 2009. Disponível em: <https://www.proquest.com/scholarly-journals/tendências-da-pesquisa-em-organizaçã-o-do/docview/853725581/se-2?accountid=8112>. Acesso em: 01/12/2025.

GOULART, M. R. **O conto**: da literatura à teoria literária. Forma breve, Aveiro, PT, n.1, p. 7-13, jun. 2003. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar\\_url?url=https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/7899/5629&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=7227352280214278034&ei=yZ8saeDDF9ToieoP6d\\_-wAQ&scisig=ABGrvjI8VMuskqrcPIBTup6eXvgN](https://scholar.google.com/scholar_url?url=https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/7899/5629&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=7227352280214278034&ei=yZ8saeDDF9ToieoP6d_-wAQ&scisig=ABGrvjI8VMuskqrcPIBTup6eXvgN). Acesso em 30/11/2025.

HJØRLAND, B. Classification. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003. Disponível em: <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/60841/34318>. Acesso em: 01/12/2025.

HJØRLAND, Birger. Knowledge organization (KO). **KO Knowledge Organization**, v. 43, n. 6, p. 475-484, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324722232\\_Knowledge\\_Organization\\_KO/link/68aff6122c7d3e0029b4587f/download](https://www.researchgate.net/publication/324722232_Knowledge_Organization_KO/link/68aff6122c7d3e0029b4587f/download). Acesso em 26/11/2025.

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900>. Acesso em: 23/11/2025.

HÜLSENDEGER, M. Romance e Discurso Considerações sobre algumas das ideias de Mikhail Bakhtin. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 3, 2019. Disponível em:

[https://scholar.google.com/scholar\\_url?url=https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/1419/1127&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=17218019670275953592&ei=bR0jaciML2qieoPn4DxyAk&scisig=ABGrvjLw-tiG4w5c5ubXIXvM-JD9](https://scholar.google.com/scholar_url?url=https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/1419/1127&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=17218019670275953592&ei=bR0jaciML2qieoPn4DxyAk&scisig=ABGrvjLw-tiG4w5c5ubXIXvM-JD9). Acesso em 23/11/2025.

International Monetary Fund. **World Economic Outlook: Global Economy in Flux, Prospects Remain Dim**. Washington, 2025. Disponível em:

<https://www.imf.org/en/-/media/files/publications/weo/2025/october/english/text.pdf>. Acesso em 16/11/2025.

JESUS, C. M. de. **Biografia**. Instituto Moreira Salles, [s.d.]. Disponível em:

<https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia/>. Acesso em: 27/06/2025.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**. Tradução de AA Briquet de Lemos. Brasília, 2004.

LANCASTER, F. W. **Information Retrieval Systems**. 2. ed. Wiley, 1993.

LEAL, M. F. Olhares entre Carolina Maria de Jesus e Argentina: do Diário de viagem às primeiras matérias jornalísticas sobre sua chegada ao país. **Acervo**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 1–23, 2024. Disponível em:

<https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/2000>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LIMA, G. Â. de. Gênese da classificação: uma análise de conteúdo a partir da definição. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 26, n. 01, p. 197-237, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/zxmSk67N5DLbTgFsvnBr3dy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23/11/2025.

LIMA, G. Â. de. Organização e representação do conhecimento e da informação na web: teorias e técnicas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], p. 57–97, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22283>. Acesso em: 23/11/2025.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, L. (org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4, 2012. p. 21-47.

LOPES, B. P.; BIZELLO, M. L.; RODRIGUES, G. M. A dispersão em arquivos literários: um estudo à luz do acervo da escritora Carolina Maria de Jesus

(1914-1977). InCID: **revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 244-264, set. 2022/ fev. 2023. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19198>. Acesso em: 03/10/2025.

LOPES, P. **Gêneros literários e gêneros jornalísticos**: uma revisão teórica de conceitos. Lisboa: Universidade Autônoma de Lisboa, 2010. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pesquisa?type=query&value=G%C3%A9neros%20liter%C3%A1rios%20e%20g%C3%A9neros%20jornal%C3%ADsticos%3A%20uma%20revis%C3%A3o%20te%C3%B3rica%20de%20conceitos>. Acesso em 23/11/2025.

LUIZ, F. T.; FERREIRA, E. A. G. R.; FEBA, B. L. T. A seguir, cenas do próximo capítulo: uma reflexão sobre o gênero literário novela na formação do leitor. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 21, n. 45, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4820>. Acesso em 23/11/2025.

MAGNABOSCO, M. M. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus**: um estudo sobre gênero. Tese. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MARTINS, P. R.; SILVA, E. C. L. Arquivos pessoais de escritores nos espaços institucionais da memória. In: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 23., 2023. **Anais [...]**. Aracaju, UFS, 2023. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19198>. Acesso em: 03/10/2025.

MASSARO, F. K. Um breve panorama das teorias da novela. **Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa**. Porto Alegre: PUC-RS, 2016. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/coloquio-de-linguistica-literatura-e-escrita-criativa/2016/assets/24.pdf>. Acesso em 23/11/2025.

MCILWAINE, I. C. **Guia para utilização da CDU**: um guia introdutório para o uso e aplicação da Classificação Decimal Universal. Brasília, DF: MCT, 1998.

MELO, K. M. M. de; MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 1061–1071, 2020. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2452>. Acesso em: 23 nov. 2025.

NASCIMENTO, M. M. **Classificação decimal de Dewey**: instruções e exercícios. Trabalho de conclusão de curso. Centro de Humanidades da Faculdade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar\\_url?url=https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/41923/1/2005\\_tcc\\_mmascimento.pdf&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=5622617996757784530&ei=x6AsaeHwCdToieoP6d\\_-wAQ&scisig=ABGrvjJudAM1x5nha2BAz-SO6tKY](https://scholar.google.com/scholar_url?url=https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/41923/1/2005_tcc_mmascimento.pdf&hl=pt-BR&sa=T&oi=gsb-gga&ct=res&cd=0&d=5622617996757784530&ei=x6AsaeHwCdToieoP6d_-wAQ&scisig=ABGrvjJudAM1x5nha2BAz-SO6tKY). Acesso em 30/11/2025.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação & informação**, v. 1, n. 2, p. 37-45, 1996. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1603/0>. Acesso em 30/11/2025.

OLIVEIRA, M. D.; BARROS, C. M. D. Adelaide Hasse: o início de um sistema de classificação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 17, 2024. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/689>. Acesso em: 5 jan. 2026

OLIVEIRA, P. J. DE. Novela: um gênero polêmico. **Albuquerque (online)**, v. 2, n. 3, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/3940>. Acesso em 30/11/2025.

OLIVEIRA, R. M. S. de. **Análise da Classificação Decimal Universal (CDU) e os esforços que estão sendo realizados para a sua transformação em linguagem universal de informação científica**. Dissertação. IBICT, Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/8574/1/56334.pdf>. Acesso em 30/11/2025.

OVERING, J. A reação contra a descolonização da intelectualidade. **Ilha: revista de antropologia**, v. 6, n. 1-2, p. 5-27, 1994.

PEREIRA, C. M. BAKHTIN E O ROMANCE: POR UMA DEFINIÇÃO (MAIS COMPLEXA) DE ROMANCE EM SALA DE AULA. **Revista Língua&Literatura**, [S. l.], v. 23, n. 41, p. 67–86, 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/revistalinguaeliteratura/article/view/3839>. Acesso em: 21/11/2025.

PIGLIA, R. **Formas breves**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

RANGANATHAN, S. R.. **Prolegomena to Library Classification**. 3rd ed. London: Asia Publishing House, 1967.

REIS, V. S. A definição do diário como um gênero: entre diário íntimo e o diário de aprendizagem. **Veredas Atemática**, v. 16, n. 2, p. 120-132, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/33276886/A\\_definicao\\_do\\_diario\\_como\\_um\\_genero\\_-\\_Entre\\_diario\\_intimo\\_e\\_o\\_diario\\_de\\_aprendizagem.pdf](https://www.academia.edu/download/33276886/A_definicao_do_diario_como_um_genero_-_Entre_diario_intimo_e_o_diario_de_aprendizagem.pdf). Acesso em: 16/11/2025.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz editora, 2005.

ROCHA, G. G. **Práticas de oralidade a partir do gênero relato pessoal: propostas para anos finais do ensino fundamental**. Dissertação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2021. Disponível em: <https://bdtd.uftm.edu.br/bitstream/123456789/1386/1/Dissert%20Girlane%20G%20Rocha.pdf>. Acesso em 30/11/2025.

ROESCH, S. M. A. Pesquisa qualitativa. In: ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 154-174.

SAER, J. J. O conceito de ficção. **Revista FronteiraZ**, n. 9, p. 320-325, 2012.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12992>.

Acesso em 30/11/2025.

SANTOS, B. A.; SILVA, F. C. G.; LUBISCO, N. M. L. A bibliografia do esquecimento: por que silenciemos a produção literária de Carolina Maria de Jesus? In:

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/v/123397>. Acesso em: 03/10/2025.

SANTOS, M. S. et al. POLÍTICA, RACISMO E FOME EM QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS. **Revista Fluminense de Geografia**, v. 4, n. 1, p. 50-69, 2024. Disponível em:

<https://publicacoes.agb.org.br/revista-fluminense/article/view/3220>. Acesso em 30/11/2025.

SANTOS, P. **Carolina Maria de Jesus faria 110 anos, conheça sua trajetória**.

Alma Preta, 2024. Disponível em:

[https://almapreta.com.br/sessao/cultura/carolina-maria-de-jesus-faria-110-anos-conheca-sua-trajetoria/?gad\\_source=1&gad\\_campaignid=22546923003&gbraid=0AAAAAGda5pwqNXe8BsJ6frgPozLSD-uM0&gclid=Cj0KCQjwgvnCBhCqARIsADBLZoLVMLBC2S8JA4EkGG6kHnj7mqzDcS3ARSSAkz0GNsmsqLn9j\\_CbWvsaAvELEALw\\_w](https://almapreta.com.br/sessao/cultura/carolina-maria-de-jesus-faria-110-anos-conheca-sua-trajetoria/?gad_source=1&gad_campaignid=22546923003&gbraid=0AAAAAGda5pwqNXe8BsJ6frgPozLSD-uM0&gclid=Cj0KCQjwgvnCBhCqARIsADBLZoLVMLBC2S8JA4EkGG6kHnj7mqzDcS3ARSSAkz0GNsmsqLn9j_CbWvsaAvELEALw_w).

Acesso em 03/08/2025.

SANTOS, J. A. N. dos. Mediação implícita da informação no âmbito da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento: relações conceituais e tendências de pesquisa. **Informação@Profissões**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 73–95, 2023.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/48135>.

Acesso em: 24/11/2025.

SCHWARCZ, L M.. Biografia como gênero e problema. **História Social**, [S. l.], v. 17, n. 24, p. 51–73, 2014. Disponível em:

<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/1577>. Acesso em: 17/11/2025.

SILVA, A. S. N. **O gênero literário conto nos livros didáticos do ensino**

**fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em:

<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=97353>. Acesso em: 21/11/2025.

SILVA, D. X. da. **A importância da classificação decimal universal na organização do conhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/ded2f651-7a6f-4f51-93fc-4711dd5a4550/content>. Acesso em 27/06/2025.

SOUSA, B. P. D.; FERREIRA, A. L. L. Construção de Assunto na Perspectiva da Classificação Decimal de Dewey. In: **XXX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**. 2024. p. 1-19. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3256>. Acesso em 30/11/2025.

SOUZA, R. F. de. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, L. M. B. B. **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. [https://web.archive.org/web/20180427001506id\\_/https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf#page=103](https://web.archive.org/web/20180427001506id_/https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf#page=103). Acesso em 30/11/2025.

SCHIESSL, M.; SHINTAKU, M. Sistemas de organização do conhecimento. In: **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, p. 49-118, 2012.

SVENONIUS, E. **The Intellectual Foundation of Information Organization**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TOLARE, J. B.; FUJITA, M. S. L. A competência informacional do bibliotecário no processo de indexação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, n. 2, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1626>. Acesso em 30/11/2025.

TRISTÃO, A. M. D.; FACHIN, G. R. B.; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da informação**, v. 33, p. 161-171, 2004. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1058>. Acesso em 30/11/2025.

TODOROV, T. **Os Gêneros do Discurso**, Lisboa, Edições 70, 1978.

TROITINHO, B. **Casa de Alvenaria**: Osasco de Carolina Maria de Jesus. Negras Escrituras, [s.d]. Disponível em: <https://negrasescrituras.com/casa-de-alvenaria-osasco-de-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 27/06/2025.

UMBELINO, M.; AGANETTE, E. C. Classificação Decimal de Dewey: algumas motivações e justificativas de uso pela rede de bibliotecas da UFMG. **Biblionline**, v. 13, n. 3, p. 43-54, 2017. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/76263968/19247-libre.pdf?1639483442=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DClassificacao\\_Decimal\\_de\\_Dewey\\_algumas\\_m.pdf&Expires=1764544751&Signature=VujNph045osYcB4V9TY2GmtGfZAKOy13J~ioNir~8kzPmtYbl85u05UN9o6K7ULU5bZB2JPnrLNw~foe31pVVpk9pk~vmZuU0cgfi7iGVE-DAscCEqpAgsEmvjiXLwOGn11jiPnhp3mGtiMOhM~o0z9E9G~vVk5VU7F2CzuFM78ujC0TlxzvWEJ0cHRVvLYXZKPlYj9wvFUNFnoOUx~DGIfr6j7TjVmAM2ZNei8FWNCGUCd~KjJWRQqFMy-ftkptT7DZsYvuCX5tad-5946XX0-OMrHjPsvlXoTXJC6u9Wa6uYH1xVzlh4R0DB6pQKXNLudw9EdbALn48BXUMYPw\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/76263968/19247-libre.pdf?1639483442=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DClassificacao_Decimal_de_Dewey_algumas_m.pdf&Expires=1764544751&Signature=VujNph045osYcB4V9TY2GmtGfZAKOy13J~ioNir~8kzPmtYbl85u05UN9o6K7ULU5bZB2JPnrLNw~foe31pVVpk9pk~vmZuU0cgfi7iGVE-DAscCEqpAgsEmvjiXLwOGn11jiPnhp3mGtiMOhM~o0z9E9G~vVk5VU7F2CzuFM78ujC0TlxzvWEJ0cHRVvLYXZKPlYj9wvFUNFnoOUx~DGIfr6j7TjVmAM2ZNei8FWNCGUCd~KjJWRQqFMy-ftkptT7DZsYvuCX5tad-5946XX0-OMrHjPsvlXoTXJC6u9Wa6uYH1xVzlh4R0DB6pQKXNLudw9EdbALn48BXUMYPw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em 30/11/2024.

VALLES, R. R. et al. **Narrar o vivido, viver o narrado**: A construção do diário na obra de Jonas Mekas. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em:

[https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7999/2/RAFAEL\\_ROSINATO\\_VALLES\\_TES.pdf](https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7999/2/RAFAEL_ROSINATO_VALLES_TES.pdf). Acesso em 16/11/2025.

VARÃO, A. L. D. S.; OLIVEIRA, M. D. A. L. A história das classificações bibliográficas: um estudo das principais notações-CDD, CDU, LC e Ranganathan. In: **XXX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**. 2024. p. 1-18.

Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3157>. Acesso em: 05/01/2026.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da Literatura**. 5a edição, s.l., Europa-América, 1983.

## APÊNDICE A – Tabelas da coleta de dados

Tabela 1 - Américas

| País      | Nome da Biblioteca                               | Tipo de Biblioteca       | Título do livro | Notação de classificação | Sistema de classificação | Palavras Chave                                                                                                                                                                           | Ano de registro |
|-----------|--------------------------------------------------|--------------------------|-----------------|--------------------------|--------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Argentina | Biblioteca Bernardino Rivadavia                  | Biblioteca Pública       | La Favela       | B869.34                  | CDD                      | 1.Literatura portuguesa.<br>2. Novelas portuguesas                                                                                                                                       | 2014            |
| Chile     | Biblioteca Nacional do Chile                     | Biblioteca Pública       | La Favela       | 920.7281<br>J58          | CDD                      | 1. Mujeres Brasil<br>Relatos personales<br>2. Mujeres negras<br>3. Relatos personales<br>4. Género                                                                                       | 2023            |
| Colômbia  | Sistemas de Bibliotecas Universidad de los Andes | Biblioteca Universitária | La Favela       | 928.69                   | CDD                      | 1. Autoras brasileiras<br>2. Siglo XX<br>3. Biografias<br>4. Pobreza<br>5. São Paulo (Brasil)<br>6. Relatos personales<br>7. Negros<br>8. Condicioness sociales<br>9. Relatos personales | 2019            |

|                   |                                                   |                             |                                                                        |                  |     |                                                                                                                             |      |
|-------------------|---------------------------------------------------|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------|------------------|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
|                   |                                                   |                             |                                                                        |                  |     | 10. Cuentos<br>brasileños                                                                                                   |      |
| Panamá            | Biblioteca<br>Interamerica<br>na Simón<br>Bolívar | Biblioteca<br>Universitária | La Favela                                                              | 920 J49          | CDD | 1. JESUS,<br>CAROLINA<br>MARIA DE<br>2. DIARIO<br>INTIMO                                                                    | -    |
| Canadá            | North York<br>Central<br>Library                  | Biblioteca<br>Pública       | Child Of The<br>Dark: The<br>Diary Of<br>Carolina<br>Maria de<br>Jesus | 306.09816<br>JES | CDD | 1. Jesus,<br>Carolina<br>Maria de.<br>2.Poor--Braz<br>il--São<br>Paulo.<br>3. São Paulo<br>(Brazil)--Soci<br>al conditions. | -    |
| Canadá            | Toronto<br>Reference<br>Library                   | Biblioteca<br>Pública       | Child of the<br>dark: the<br>diary of<br>Carolina<br>Maria de<br>Jesus | 306.09816<br>JES | CDD | 1. Jesus,<br>Carolina<br>Maria de.<br>2.Poor--Braz<br>il--São<br>Paulo.<br>3. São Paulo<br>(Brazil)--Soci<br>al conditions  | -    |
| Estados<br>Unidos | Los Angeles<br>Public<br>Library                  | Biblioteca<br>Pública       | Child of the<br>dark: the<br>diary of<br>Carolina<br>Maria de<br>Jesus | 309.81 J58       | CDD | 1.Poor<br>2. Brazil<br>3. São Paulo<br>4. São Paulo<br>(Brazil)<br>5. Social<br>conditions                                  | -    |
| Estados<br>Unidos | New York<br>University<br>Libraries               | Biblioteca<br>Universitária | Child of the<br>dark: the<br>diary of                                  | 920.7            | CDD | 1. São Paulo<br>(Brazil) --<br>Social                                                                                       | 2003 |

|        |                                        |                       |                                                                        |             |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |  |
|--------|----------------------------------------|-----------------------|------------------------------------------------------------------------|-------------|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|        |                                        |                       | Carolina<br>Maria de<br>Jesus                                          |             |     | conditions<br>2. Poor --<br>Brazil -- São<br>Paulo<br>3. Jesus,<br>Carolina<br>Maria de<br>4. Poor<br>5. Social<br>conditions<br>6. Brazil --<br>São Paulo<br>7. Cities and<br>towns --<br>Brazil<br>8. Poverty --<br>Brazil<br>9. Social<br>conditions --<br>Brazil<br>10. Brazil --<br>Southern<br>States<br>11. Pauvres<br>-- Brésil --<br>São Paulo<br>12. Biograph<br>y |  |
| México | Biblioteca<br>Daniel Cosío<br>Villegas | Biblioteca<br>Pública | La Favela                                                              | H860        | CDD | -                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |  |
| México | Biblioteca<br>Daniel Cosío<br>Villegas | Biblioteca<br>Pública | Child Of The<br>Dark: The<br>Diary of<br>Carolina<br>Maria de<br>Jesus | 362.5098161 | CDD | 1. Jesus,<br>Carolina<br>Maria de<br>2. Pobres --<br>Brazil --São<br>Paulo                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |  |

|  |  |  |  |  |  |                                                                                                 |  |
|--|--|--|--|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|  |  |  |  |  |  | 3. Pobreza<br>--Brazil<br>--São Paulo<br>4. São Paulo<br>(Brasil) --<br>Condiciones<br>Sociales |  |
|--|--|--|--|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Tabela 2 - Europa

| País     | Nome da Biblioteca                  | Tipo de Biblioteca | Título do livro                                                     | Notação de classificação | Sistema de classificação           | Palavras Chave                                                                                              | Ano de registro |
|----------|-------------------------------------|--------------------|---------------------------------------------------------------------|--------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Alemanha | ZLB:<br>Außenmagazin                | Biblioteca Pública | Tagebuch der Armut:<br>Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin | Az 950:3.                | Berliner Systematik                | 1.Brasilien 2. Armut<br>3.Erlebnisbericht                                                                   | -               |
| Áustria  | Biblioteca Nacional Austríaca       | Biblioteca Pública | Tagebuch der Armut:<br>Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin | MS 6440                  | Regensburger Verbundklassifikation | 1. São Paulo<br>2.Schwarze Frau<br>3.Slum<br>4. Soziale Situation<br>5. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 | -               |
| França   | Biblioteca Nacional da França       | Biblioteca Pública | Le Dépotoir                                                         | 16-PZ-4324               | Sistema Próprio                    | -                                                                                                           | -               |
| Itália   | Biblioteca Nacional Central de Roma | Biblioteca Pública | Quarto de despejo                                                   | 920.7                    | CDD                                | -                                                                                                           | -               |
| Espanha  | Biblioteca                          | Biblioteca         | La Favela                                                           |                          | CDU                                | -                                                                                                           | -               |

|             |                               |                          |                                                         |                |     |                                                                              |   |
|-------------|-------------------------------|--------------------------|---------------------------------------------------------|----------------|-----|------------------------------------------------------------------------------|---|
|             | Nacional da Espanha           | Pública                  |                                                         | 860(81)-94"19" |     |                                                                              |   |
| Reino Unido | The Maughan Library           | Biblioteca Universitária | Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus | HN290.S33 JES  | LCC | 1. Poor -- Brazil -- São Paulo<br>2. São Paulo (Brazil) -- Social conditions | - |
| Rússia      | Library of Foreign Literature | Biblioteca Pública       | La Favela                                               | -              | -   | 1. Ficção<br>2. Literatura brasileira -- Século XX -- Romances -- contos     | - |

Tabela 3 - Ásia

| País  | Nome da Biblioteca        | Tipo de Biblioteca | Título do livro   | Notação de Classificação | Sistema de classificação                        | Palavras Chave | Ano de registro |
|-------|---------------------------|--------------------|-------------------|--------------------------|-------------------------------------------------|----------------|-----------------|
| China | National Library of China | Biblioteca Pública | Child of the dark | F177.76                  | sistema de classificação bibliográfica da China | -              | -               |

Tabela 4 - Oceania

| País      | Nome da Biblioteca | Tipo de Biblioteca | Título do livro | Notação de Classificação | Sistema de classificação | Palavras Chave | Ano de registro |
|-----------|--------------------|--------------------|-----------------|--------------------------|--------------------------|----------------|-----------------|
| Austrália | Biblioteca         | Biblioteca         | Child of the    | 330.9816                 | CDD                      | Jesus,         | -               |

|  |                       |         |                                             |     |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |  |
|--|-----------------------|---------|---------------------------------------------|-----|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|  | Nacional da Austrália | Pública | dark : the diary of Carolina Maria de Jesus | J58 |  | Carolina Maria de -- Diaries Poor -- Brazil -- Sao Paulo (City) Blacks -- Brazil -- Sao Paulo -- Diaries Blacks -- Brazil -- Sao Paulo -- Social conditions Poor -- Brazil -- Sao Paulo -- Diaries Poor -- Brazil -- Sao Paulo -- Social life and customs Sao Paulo (Brazil) -- Social conditions |  |
|--|-----------------------|---------|---------------------------------------------|-----|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Tabela 5 - África

| País  | Nome da Biblioteca     | Tipo de Biblioteca | Título do livro   | Notação de Classificação | Sistema de classificação | Palavras Chave | Ano de registro |
|-------|------------------------|--------------------|-------------------|--------------------------|--------------------------|----------------|-----------------|
| Egito | Escolástica Alexandria |                    | Quarto de despejo | 878.4                    | CDD                      | -              | -               |